

tiram a necessidade de se abastecerem de equipamento de pesca. Entretanto, no caso citado, os utensílios são financiados ou arrendados para o pescador o que difere da forma mais usual com que o “proprietário” do equipamento explora o trabalho dos “camaradas”.

A presença de “proprietários” possuidores de bens mais valiosos, coincide de modo geral, com os núcleos onde se exalta a pesca da tainha e da enchova, isto é, no litoral central, principalmente, na ilha de Santa Catarina.

Êsses “proprietários”, em geral são possuidores de pequenas salgas, as quais tendem a transformar-se em emprêsas mais produtivas e mais modernas, caso a atividade apresente desenvolvimento. Como as “salgas” são pequenas, não exigindo, para êste caso, ônus senão mínimos, muitos pequenos proprietários as possuem, quase escondidas, no fundo do quintal de sua moradia. Alguns indivíduos salgam o peixe, sem que sejam pròpriamente pescadores, mas tal exclusivismo é raro, em se tratando de pequenas salgas. Ademais, salgar peixe, como a tainha, o cação, a enchova, o linguado, etc. . . ., é operação demasiadamente simples, e, em geral, todo tipo de pescador pratica essa forma de defesa alimentar para os dias menos generosos. Além disso considera-se a necessidade de se conservar o produto fàcilmente deteriorável. Oferece, pois, uma garantia para o diminuto comércio.

É freqüente também que o “proprietário de equipamento pesqueiro” possua meios de transporte rodoviário e casa comercial na comunidade. Aparece então como verdadeiro “coronel” de certas comunidades rurais, já que a posse, por exemplo, de um caminhão, garante a colocação do pescado em centros urbanos mais afastados. Alcança o proprietário de caminhão acentuado poder sôbre tôda a comunidade, não raro impondo preços irrisórios ao pescado que compra no local. Esta operação emerge com tamanha margem de lucros que parece ser o ponto nevrálgico do fenômeno que se acentua nos dias atuais — o do atravessador ou intermediário.

c) *O intermediário*: Sem grande importância em épocas anteriores quando os núcleos de pesca se isolavam mais dos centros de consumo, e quando a aquisição de meios de transporte rodoviário torna-se mais difícil, hoje se multiplica o número de “intermediários” entre os pescadores (incluindo todos os tipos) e os revendedores. A melhoria de algumas estradas e o crescimento, não alarmante mais bastante sensível do consumo em centros urbanos próximos ou afastados dos núcleos estimula o surgimento de intermediários, desde que a pesca aumente.

Os “intermediários” compram o peixe, imediatamente após a matança, e o transportam para os mercados municipais, ou para revendedores dispersos, varejistas; por vêzes êles próprios se constituem como revendedores.

A origem dos “intermediários” é diversa. Certificamo-nos de casos em que o “proprietário de equipamento pesqueiro” deixa essa condição para se dedicar exclusivamente à compra e revenda do pescado, utili-

zando-se do transporte rodoviário motorizado. Em geral, o "intermediário" é representado por negociantes moradores em centros urbanos.

A compra do peixe nas praias, principalmente quando a quantidade é elevada, como ocorre no caso da tainha, da enchova e também do camarão, é a operação mais lucrativa da pesca. Sente-se perfeitamente essa realidade pela avidez com que os caminhões espreitam as praias nos períodos de grande matança de peixe. A compra do pescado é mediante pagamento em dinheiro, sendo o peixe vendido por centenas. Posteriormente o "intermediário" o revende, por quilo. Para se ter uma idéia da margem de lucros, presenciemos, por exemplo, a compra de 4 centenas de tainha, em junho de 1960, na praia de Itajuba, em Araruari, ao preço de 500 cruzeiros o cento. O quilo da tainha estava tabelado em Cr\$ 45,00. Dando-se, em média, o pêso de um quilo e meio por tainha, pode-se avaliar o exorbitante lucro obtido, mesmo descontando-se perdas. (ver fig. 41)

Em conclusão, o "intermediário" reflete a tendência cada vez mais aclarada do aumento do ritmo de comercialização da atividade pesqueira.

d) *Outros tipos humanos ligados à pesca*: Como salientamos, a pesca reúne um jôgo de operações, possibilitando o surgimento de complexa organização de elementos humanos atuantes. À medida que a atividade se desenvolve, novos tipos surgem, tornando-se importantes personagens do ramo. Um dêles é o "industrializador", do qual trataremos adiante. Nas comunidades de pesca, entretanto, vamos encontrar bem identificados pela função, o "mestre" ou "fazedor de rêdes", o "canoeiro" ou "barqueiro" (confeccionador de embarcações), que compõem o quadro da divisão de trabalho.

O fazedor de rêdes e o canoeiro: Os pescadores mais idosos, que vêem diminuída a capacidade de trabalho mais pesado, tendem a executar tarefas mais suaves. Deixam a labuta, mais exigente em dispêndio de energia muscular, para dedicarem-se a particularidades do complexo da atividade, como a tecitura de rêdes, consertos, construção de embarcações, etc. . .

Entretanto, essas tarefas exigem também condições vocacionais de modo que a seleção por idade não se torna processo exclusivo. Muitos pescadores jovens são afeitos aos aludidos trabalhos. Aqui e acolá é que encontramos alguns indivíduos cujas funções se limitam exclusivamente a êsses misteres. Trata-se, nessas circunstâncias, das exigências de certos tipos de rêdes e de embarcações que requerem habilidades não comuns. As baleiras, tipo de embarcação utilizado generalizadamente, são construídas em diversos lugares; mas em Ribeirão da Ilha (localidade situada no município de Florianópolis), há verdadeiros especialistas, dados às sutilezas da confecção. As chamadas "rêdes de cêrco" também oferecem particularidades em sua elaboração. Com as mesmas ocorre um fenômeno interessante: um tipo ainda mais especial de "rêde de cêrco" foi introduzido na ilha de Santa Catarina, por um cidadão

japonês. Em virtude da eficiência que apresentou, sua utilização logo se difundiu, a despeito do preço elevado, em geral superior a duzentos mil cruzeiros. O confeccionador entrega a rêde a pescadores (chefes de "companhias") e, enquanto ela estiver em funcionamento, recebe parcela do pescado obtido: é o denominado "quinhão". Por muito tempo os pescadores locais tentaram desvendar o segredo da tecitura dêsse tipo de rêde "pega-tudo" na expressão comum. Recentemente, após uns 4 anos, é que surgiu, na ilha, um cidadão que conseguiu elaborá-la, passando a aplicar o mesmo contrato com os pescadores. Também em Camboriú, um pescador local conseguiu confeccioná-la, passando à condição econômica de "arrendador" de rêde.

O industrializador: As indústrias de conserva de pescado são tènicamente precárias e pequenas. Confundem-se com fábricas de conserva de camarão porquanto o aproveitamento de peixe é ainda incipiente, bem como de espécies que, para simplificar, incluímos na categoria de "diversos". No mapa sôbre a distribuição dos estabelecimentos industriais vê-se bem a insuficiência técnica sugerida e a relativa dispersão dos estabelecimentos, embora a produção se concentre mais na zona de Laguna e Florianópolis.

Depreende-se que o tipo humano, o "industrial", representa um número reduzido. É preciso, além disso, conceituar o "industrial" e separá-lo do pescador que possui algumas salgas.

Os "industriais" são alienados da extração. Alguns apenas aproveitam o pescado já nas primeiras fases da conserva, como o salgamento do camarão. Outros diversificam os tipos de camarão enlatado, comprando o produto ainda fresco, como acontece com a indústria "Wildner", em São Francisco do Sul e Biguaçu, com a "Hemmer", na Penha, etc.

Em Pôrto Belo, a indústria "Chinen", pertencente a um grupo econômico japonês, foge à regra, pois os próprios proprietários atuam na extração do pescado.

Os industriais são, na totalidade, primeiramente, compradores do pescado, fresco ou semipreparado; industrializam-no enlatando-o, em azeite, em salmoura, pelo processo de prensamento, por defumação, etc...

Alguns "industriais", anteriormente, foram pescadores — "proprietários de equipamentos", mas outros investiram-se na atividade, possibilitados por capitais oriundos de outras atividades.

Por ser recente o desenvolvimento da indústria do pescado qualificamos o industrial como um tipo em formação, já que o "salgador" se inclina a ampliar suas instalações, melhorando-as tènicamente, donde então se passará a "industrial" pròpriamente dito.

O exame das indústrias de pesca será focalizado mais pormenorizadamente ao tratarmos das características de alguns centros e núcleos de pesca. Por ora, somos levados a afirmar que a intervenção dos poderes públicos se faz necessária para amparar pequenas indústrias em

formação. Algumas salgas, como a de Garopaba, poderiam ser facilmente ampliadas, caso houvesse maior financiamento aos salgadores locais, ex-pescadores militantes.

A validade da instalação de indústrias dispersas e pequenas se encontra em duas fortes razões: o aproveitamento de excedentes do local e das proximidades, garantindo proventos mais elevados ao pescador, permitindo assim a sobrevivência do núcleo pesqueiro; a dificuldade de transporte no litoral atenua-se pela elaboração de produtos industriais próximos às fontes de extração, tendo-se em vista a rápida deterioração do pescado.

IV — UTENSÍLIOS, EMBARCAÇÕES E PROCESSOS DE PESCA

O PROBLEMA ECONÔMICO DO EQUIPAMENTO — ASPECTOS DA CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DOS UTENSÍLIOS

A análise dos tipos de utensílios, das embarcações e dos processos utilizados na pesca, revela-nos o índice técnico da atividade, em primeira monta. A conclusão imediata prende-se à verificação do insignificante progresso aí observado.

A freqüência dos padrões instrumentais, englobando a multiplicidade do material empregado, sugere-nos idéias de outras realidades econômicas e sociais, isto é, presta-se à identificação de condições aludidas da população estreitamente dependente da pesca.

Entretanto, para diagnosticarmos as condições econômicas e resultantes sociais dos grupos de pescadores, seria necessário computarmos valores inscritos na organização da atividade, referentes à rentabilidade absoluta e média da produção. Assim sendo, na impossibilidade de se efetuar as supra computações, a análise dos utensílios, dos tipos de embarcações e dos processos inerentes aplicados à pesca, torna-se de grande valia para a percepção mais completa do fato.

A segunda revelação importante que deriva desta análise é expressa pelo grau diversificado do equipamento pesqueiro empregado. A explicação para essa evidência se remonta a raízes históricas, manifestadas pelas influências das correntes culturais indígenas e portuguesas. A preservação dessas influências, representadas pela diferenciação dos utensílios, explica-se atentando-se no seguinte: O número de espécies pescadas, mesmo considerando-se as áreas marinhas costeiras muito próximas, é consideravelmente elevado, o que incidirá, mas nem sempre necessariamente, na particularização de tipos de utensílios destinados ao seu apresamento. Além disso, torna-se implícito o enriquecimento dos processos gerais de obtenção das espécies.

Segundo a própria configuração dos ambientes marinhos costeiros, sentidamente heterogêneos, quando se observa o conjunto morfológico do litoral, os utensílios e processos de pesca se orientam adaptativa-

mente pela diversificação. A presença de mercados terá efeitos similares, se bem que se reflita mais na intensidade do emprêgo.

Resta-nos esclarecer o que pretendemos seja entendido por utensílios de pesca: compreendem os tipos de rêdes, os tipos de armadilhas, enfim, todo órgão simples ou não que, excetuando os meios de locomoção — os tipos de embarcação — se destinam à extração do pescado.

QUADRO N.º 1

Número de utensílios de pesca por município — Ano 1956

TIPOS	Florianópolis	Palhoça	Biguaçu	Imaruí	Ara-ranguá	São Francisco	Itajaí	Laguna	Camboriú	Total
Rêde de arrasto.....	115	14	198	—	64	62	13	405	130	941
» » taiuha.....	183	2	—	900	79	—	—	—	—	1 164
» » enchova.....	160	—	—	—	—	—	—	—	—	160
» » sardinha.....	75	—	66	—	—	—	—	—	—	141
» » careo.....	74	—	64	—	—	21	—	—	—	159
» » volta.....	89	—	—	—	—	—	—	—	—	89
» » malhas.....	128	—	—	—	—	—	50	—	—	178
» » fundear.....	—	15	—	—	—	—	—	—	—	16
» » espera.....	—	—	125	—	20	—	—	—	—	145
» » cerco.....	10	—	—	—	—	—	—	—	—	10
» » feiticeira.....	—	—	—	1 000	—	—	—	25	12	1 037
» » cação.....	200	—	30	—	—	62	210	—	—	502
» » tarrafa.....	2 595	240	446	2 730	540	513	300	255	—	7 619
» » espínel.....	735	440	581	130	235	575	400	—	220	3 316
Linha com anzol.....	4 913	—	—	360	—	770	320	—	—	6 363
Fisca.....	489	—	—	—	—	—	—	—	—	483
Puá.....	40	—	119	—	—	—	—	40	66	225
Bicheiro.....	2 160	—	—	—	—	—	—	—	—	2 160
Canço com linha.....	4 770	450	—	360	—	—	—	—	—	5 580

No quadro: “Número de utensílios de pesca por município”, estão arrolados municípios com limites vigentes em 1956. Alguns sofreram, a partir daí, alterações devido à criação de novas unidades administrativas pelo desmembramento de outras³². Embora exaustivamente obtidos, numerosas falhas são observadas. Parcialmente pudemos suprimi-las, pelo contacto direto que mantivemos com as fontes informativas. Outras, não nos foi possível atualizar e melhorar. Existe muita confusão de terminologia para a designação, por exemplo, de tipos de rêdes e de embarcações. Características, por vêzes exatamente iguais, de certo tipo de um equipamento pesqueiro, nem sempre correspondem a uma só nomenclatura. Por isso, incluímos como “rêde de arrasto” os tipos mencionados como “arrastão de praia”, “rêde de arrastão”.

O quadro também não é completo por envolver apenas a maioria dos municípios, mas não todos os que apresentam atividade de pesca. Atenuaremos essas ausências em capítulos que seguirão, quando focalizarmos mais minudentemente aspectos da atividade em núcleos isolados.

Ainda como ressalva, certamente encontraremos, para os anos seguintes ao de 1956, diferenças quantitativas concernentes aos utensílios e embarcações. Aquisições novas, deslocamento de equipamento

³² Os dados foram coligidos pela FAO, em cooperação com o IBGE, mediante inquérito junto às Agências Municipais de Estatística, sob o título de “Pesca Colonizada e Pesca não Colonizada”.

de um núcleo para outro (provisório ou permanentemente) terão algum significado que se exprimirá na flutuação da densidade de material sugerida pelos quadros n.º 1 e n.º 2. Todavia, essas diferenças não serão acentuadas. A partir de 1956 a produção não sofreu alteração profunda, e do mesmo modo a capacidade técnica de produtividade entre as diferentes zonas ou municípios de atividade pesqueira.

QUADRO N.º 2

Número de embarcações por município — Ano 1956
Tipo de embarcações

MUNICÍPIOS	Canoa bordada	Canoa comum	Canoa borda-lisa	Baleeira	Bateira	Batelão	Barco a motor
Florianópolis.....	248	—	150	520	50	82	2
Palhoça.....	5	—	51	52	—	—	—
Biguaçu.....	28	—	50	200	4	—	—
Imaruí.....	—	2 350	—	5	—	680	—
Laguna.....	22	500	—	15	—	35	—
Araranguá.....	4	130	—	—	—	—	—
São Francisco.....	81	600	—	—	—	5	1
Camboriú.....	18	18	10	16	32	—	—
Itajaí.....	—	66	—	118	15	5	2

Interpretação

Os quadros, se bem que não totalizem os municípios todos, revelam a distribuição irregular dos aparelhos de pesca e dos meios complementares de locomoção tanto no que responde à quantidade quanto aos tipos específicos. Nota-se a posição de realce mantida pela zona de Florianópolis e Loguna—Imaruí; na primeira, a variedade de instrumentos e embarcações utilizadas exprime, sem dúvida, a riqueza de espécies pescadas bem como nos faz supor maior quantidade. É bem verdade que um mesmo utensílio é utilizado na pesca de mais de uma espécie. Mas, desde que esta se faça abundante, a especificação do utensílio permite maior rendimento na extração, compensando a aquisição, sempre onerosa, de equipamento mais adequado. Exemplificando: em Imaruí e Laguna, a tarrafa é largamente empregada na pesca da tainha que aí não é de grande significado. Ainda que o tipo de tarrafa empregada seja um pouco diferente do de outras zonas, por ser maior e mais resistente, e a despeito de servir a tarrafa para a pesca da tainha, a abundância da mesma exige aparelhamento mais completo e mais caro. Na zona de Florianópolis é que vamos encontrar os tipos de rêdes mais custosas que se destinam à pesca da tainha. Em Araquari, por exemplo, no núcleo de Itajuba as rêdes de tainha são menores do que as comumente utilizadas na ilha de Santa Catarina. Em Camboriú o fato é idêntico ao de Florianópolis. Onde a pesca de determinada espécie se torna mais importante, os utensílios adotados tendem a ser mais especializados. Na ilha de Santa Catarina, a tarrafa é utilizada para

a extração de sobras, isto é, de peixe que foge ao cêrco de uma rêde grande; ou então é usada isoladamente, objetivando a cata de espécies que esporadicamente se aproximam das praias; de todo modo é utensílio subsidiário.

O exame do quadro chama-nos a atenção para a flagrante dominância de utensílios de uso pessoal, equacionados com as condições econômicamente precárias dos pescadores em geral. Por outro lado, a instabilidade da pesca de maior vulto, com propensão ao comércio, pressiona o pescador à cotidiana obtenção de alimento, o que é possibilitado pelo uso de aparelhos simples de custo reduzido, como se observa pelo número de tarrafas — 7 819 —. Dir-se-ia que a tarrafa está para o pescador catarinense do mesmo modo que a enxada está para o caboclo rurícola.

A linha, com anzol e caniço, também é posse comum, aqui representada sem exatidão, devido à sondagem esbarrar no problema do uso difundido, de difícil notificação estatística. O “bicheiro” é igualmente comum, embora seja apenas complemento de processos de pesca com rêdes, em geral em trechos mais afastados da costa.

Dos utensílios mais complexos ressaltam-se os diferentes tipos de rêdes, principalmente os específicos da pesca da tainha, da enchova e do cação. Nota-se o emprêgo de rêde para enchova quase unicamente na zona de Florianópolis. Em nossas investigações verificamos o uso dessas rêdes em Camboriú, em Biguaçu e Palhoça, embora no quadro não haja notificação. A não existência, em outros municípios, de rêdes para a pesca de enchova, não significa que a mesma não seja pescada. Os processos são vários, como pesca com anzol e linha, em geral em mar grosso.

Os “espinhéis”, incluindo-se os tipos diversos, são também bastante empregados (3 316, como revela o quadro). Apresentam grande importância, pois destinam-se à pesca de espécies de maior porte, como o cação, a garoupa, o badejo, etc. A pesca, mediante o emprêgo de espinhéis, como ainda veremos, representa grande segurança para o fornecimento do produto aos pescadores.

Quanto às embarcações, vê-se que a canoa ainda é predominante, ainda que modernamente se possa observar o crescimento da utilização de baleeiras que se prestam melhor à adaptação de motores, formalmente grosseiros mas de grande eficiência. Na zona de Florianópolis, do mesmo modo como ocorre a diversificação de utensílios, persiste grande variedade de tipos de embarcações. Aqui também o fato se explica em função de fatores assinalados para o caso da variedade de utensílios em zonas de heterogênea morfologia litorânea, de maior intensidade de produção, de proximidade a mercados representativos ao consumo imediato. Em Laguna—Imaruí, e na zona centralizada em São Francisco do Sul, os tipos de embarcação são mais uniformes, e mais simples, com largo predomínio de canoa comum.

O problema econômico do equipamento

O alto custo do equipamento pesqueiro representa sério óbice para o desenvolvimento da atividade, mesmo considerando-se apenas os comumente empregados no litoral catarinense. A simples existência de "marginais", que encontramos em diversos núcleos e que não possuem utensílios que lhes permitam a obtenção de meios alimentares, revela o significado do problema. A posse ou não de equipamento pesqueiro constitui a fronteira entre o pescador absenteísta ou tendente a ser, e aquele que permanece numa dependência estreita da reduzida parcela que lhe outorga o regime de partilha do pescado. Houvesse maior número de pescadores proprietários, por certo a oferta de mão-de-obra seria mais moderada, o que poderia redundar numa menor distância econômica entre os organizadores de "companhias" e o "camarada" ou o "ajudante".

Entretanto, o sistema de exploração do homem pelo homem, que se verifica na atividade pesqueira, permite que alguns possuam equipamento de pesca mais numeroso. A abundância de mão-de-obra tem condicionado a quase instituição do regime de partilha. A distância econômica entre o pescador-proprietário e a mão-de-obra aquinhoada somente, não conduz o primeiro a situação economicamente exaltada, em função dos lucros não exorbitantes da atividade. O pescador proprietário de equipamento, com exceções, ainda é um indivíduo pobre, se bem que muito menos que o não possuidor de equipamento. Além de a produção pequena não permitir enriquecimento do pescador proprietário no ramo de trabalho em estudos, tem ainda contra ele os danos constantes que sofre o equipamento em ambientes de clima quente e úmido, marcantes pelo efeito de rápida deterioração do material. Espécies vorazes que proliferam numerosas nas zonas pesqueiras catarinenses também concorrem para o estrago do material de pesca.

O problema principal, todavia, reside no custo elevado do equipamento, pois as rês e outros utensílios, mesmo que elaborados localmente, necessitam de matérias-primas, em geral provenientes de estados distantes. Tais matérias-primas sofrem, via de regra, aumento de preço em índices superiores aos que ocorrem com o pescado.

Infelizmente não nos foi possível a elaboração de um quadro referente aos preços de utensílios e embarcações, por município, em virtude da grande flutuação que apresentam, em função, desta feita, das características diferenciais de tipos designados com o mesmo nome. Aventaremos apenas alguns exemplos que acreditamos sejam suficientes para se ter idéia mais concreta sobre a questão ³³.

³³ As informações coletadas sobre preços de equipamento de pesca eram vigentes no início do ano de 1960. A elevação do custo do material, a partir daí, já criou algumas alterações para a realidade dos dados por nós expostos.

Rêde de tainha: É empregada em todo o litoral, oscilando entre 80 mil a 300 mil cruzeiros. As mais custosas são as de 300 braças com 14 metros de altura. São mais freqüentes na ilha de Santa Catarina. As mais comuns, todavia, apresentam as dimensões de 180 a 250 braças, com 9 metros de altura, sendo o preço mais comum 100 mil a 120 mil cruzeiros. Trata-se de uma rêde muito resistente — “que não termina nunca”, segundo expressão de um pescador. Entretanto, necessita de constantes reformas, com despesas calculadas em 10 mil cruzeiros por ano.

Rêde de arrasto: Pelo padrão do emalhamento difere da rêde de tainha. Além disso é mais baixa e menos extensa. Em geral oscila de 120 a 150 braças, sendo que no último extremo o preço em voga é mais ou menos de 150 mil cruzeiros. Quanto à durabilidade é similiar à rêde de tainha. Há tipos menores cujos valores monetários se reduzem a 50 e a 30 mil cruzeiros.

Rêde de enchova: As maiores atingem 150 braças. A malha é graúda, concorrendo para o custo bem inferior ao das anteriormente citadas. Custa em média, 25 mil cruzeiros. Entretanto é pouco durável, necessitando ser praticamente substituída com um ano de uso.

Rêde de cêrco: Comumente o preço oscila de 100 a 150 mil cruzeiros, com exceção do tipo especial introduzido por elementos japoneses. Estas, que constituem aspirações do pescador (“só para milionário” nos afirmou um “camarada”) existem em pequeno número, embora em franco crescimento.

É muito comprida, com malhas diferentes, com fundo para ensacar o peixe. Sômente a parte destinada a “correr o peixe” compreende 80 braças. O preço dêsse tipo de rêde “pega-tudo” chega a atingir 300 mil cruzeiros. O custo elevado favorece a forma de uso à base de espécie de arrendamento, expresso pelo pagamento em gênero ao proprietário, isto é, o utilizador fornece ao fabricante e proprietário da rêde uma quantidade flutuante de pescado, correspondente a parcelas fixas do total obtido.

A eficiência dessa rêde muito tem concorrido para atenuar problemas de alimentação em alguns núcleos de pesca, como observamos em Pântano do Sul: “Depois que apareceram as rêdes dos japoneses, não tem mais faltado peixe para alimento”, assegurou-nos um pescador da localidade.

Rêde de cação: A variabilidade do preço está em função principalmente do material empregado e da extensão da rêde. A confecção, como a da tarrafa, é fácil, e cada núcleo de pesca a elabora. A pouca durabilidade, em média de 2 a 4 anos e meio não a onera em demasia em virtude do custo relativamente baixo (em extremos aproximados de 2 a 10 mil cruzeiros). Embora o cação seja pescado mais generalizada-

mente com o emprêgo do espinhel, a rêde não deixa de ser também difundida, salientando-se contudo a ilha de Santa Catarina e Itajaí, como as zonas que a empregam.

Tarrafa: Dos utensílios simples é o mais importante e o mais utilizado. Com prováveis exceções, todo individuo que participa da pesca diretamente possui uma ou mais tarrafas. O preço da unidade não ultrapassa 2 mil cruzeiros. Atualmente está muito em voga o emprêgo de fios de *nylon*; encarece mais o utensílio, porém é incomparavelmente mais resistente ³⁴.

Espinhel: Cada espinhel, possuindo 300 anzóis, aproxima-se do preço de 500 cruzeiros. A duração é muito imprecisa, dependendo de sorte, como asseguram os pescadores. Pode atingir 4 anos de uso, embora de uma só feita o espinhel possa ser perdido de todo. Nos Ganchos, cada pescador trabalha com dois espinhéis, custando cada um cêrca de 2 500 cruzeiros.

A breve exemplificação dos preços de utensílios de pesca teve como finalidade revelar a amplitude do problema que a envolve, no setor de equipagem técnica. As informações colhidas não abrangem todos os municípios onde a pesca participa das atividades econômicas.

Sente-se, entretanto, a agudeza do problema, quando se observa expressivo número de "marginais" existentes nos principais núcleos de pesca. Muitos "camaradas" permanecem inativos, simplesmente porque não dispõem de utensílios que lhes permitam atuar na faina pesqueira. É certo que, como já nos referimos, o fato de marginalidade ou desemprego não se explica apenas pela carência de equipamento individual. Esta carência se apresenta como fator agravante, e, por vêzes, constitui-se como causa única para exemplo isolados.

O problema das embarcações: Além das dificuldades ligadas aos utensílios acrescenta-se a da aquisição dos meios de deslocamento, isto é, as embarcações, cujo ônus torna-se proibitivo em relação aos parcos proventos da atividade, sobretudo quando temos em conta a maioria de seus participantes.

Ademais, as precárias embarcações utilizadas significam a exploração da pesca em exíguos limites, ainda que se registre o fenômeno da motorização das baleeiras, que marcou a mais notável alteração no setor aludido ³⁵.

As baleeiras, por exemplo, principalmente construídas em Ribeirão da Ilha, no município de Florianópolis, atingiam o preço (em 1960) de 65 mil cruzeiros, sem o motor usualmente comprado em Joinville.

³⁴ A penetração do uso de fios de *nylon* já se faz sentir na confecção de rêdes maiores. E para alguns casos é de se esperar que seja rapidamente adotado.

³⁵ Os motores da fábrica Stoll funcionam a gasolina. São peças de centro, de dois tempos. A fábrica, composta de 30 operários, opera há mais de 50 anos, sendo que há 7 anos iniciou a fabricação de motores para embarcações; hoje, sua finalidade é exclusiva para esta função. A produção (a média mensal é de 50 motores) encontra compradores principalmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Êste, em 1960, oscilava entre 30 mil a 40 mil cruzeiros, para respectivamente os de 22 e 26 cavalos. Em suma, a baleeira equipada com motor atinge o preço de 100 mil cruzeiros, no mínimo.

Nota-se que êsses motores custam relativamente pouco, o que tem possibilitado a sua aquisição por número crescente de pescadores. Se houvesse fábricas de barbante, de anzóis e de outros materiais empregados na pesca, em centros próximos, ou se a transação fôsse mais direta, sem dúvida o custo dos utensílios de pesca seria bem mais reduzido, como acreditam muitos fiscais da Divisão de Caça e Pesca, atuantes em núcleos litorâneos. Naturalmente, a possibilidade realmente existente sugere intervenção do govêrno do estado.

Na elaboração final do presente trabalho, fomos informados de que se processa a reconstrução de um estaleiro, supervisionada e financiada pelo govêrno, na Praia de Coqueiros em Florianópolis. Tendo sido planejado para construir embarcações com preços mais reduzidos dos que são encontrados entre os canoieiros, somos levados a considerar a iniciativa como louvável. Sua necessidade é patente, porque a obtenção de embarcações tanto é problema econômico quanto técnico.

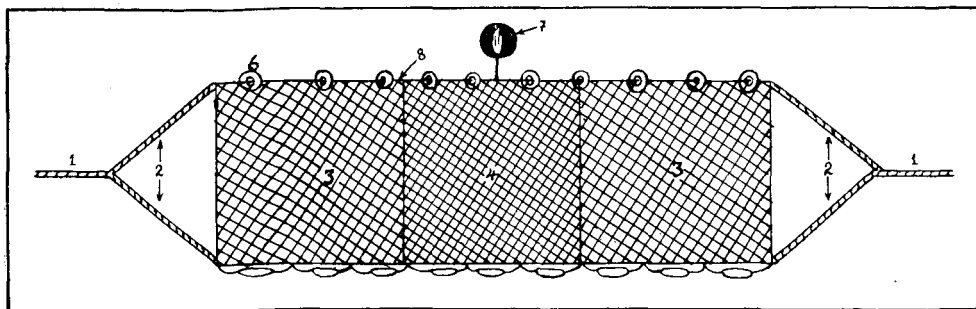
Aspectos da aplicação e confecção dos utensílios de pesca: A diversidade dos utensílios de pesca já é sentida pela simples designação genérica. Os traços particulares de um tipo os tornam ainda mais complexos e numerosos. Alongar-nos-íamos demasiadamente se fôssemos descrever, mesmo sumariamente, todos os tipos de utensílios utilizados pelos pescadores do litoral catarinense. Os gráficos que acopanham reduzirão o espaço que deveria ser coberto por exaustiva caracterização. Preocupar-nos-emos com alguns dos mais importantes ³⁶.

Rêde de arrasto: Independentemente da especificação, isto é, não se considerando o tipo de espécie à qual se destina precìpuaente, induz ao método de pesca, o mais exigente quanto à participação quantitativa de pescadores. Os moradores do núcleo pesqueiro se mobilizam em tórno da rêde, seja para contemplarem o momento verdadeiramente empolgante do lanço, seja para tomarem parte ativa na pescaria e extraírem seu quinhão.

Parte variável da "manta" consegue escapar, e, meninos e adultos preparam suas tarrafas, rêde de calão, botes com trimbobó, etc..., para apanharem as tainhas ou enchovas que se evadem ao cêrco da rêde.

A rêde de arrasto necessita de concurso de duas canoas, cada uma mantendo a metade da rêde. Logo que o cardume ou "manta" é divisado, e quando as condições do local são favoráveis, as canoas se movimentam e se afastam, buscando cercar o peixe, para então efetuar o lançamento da rêde e posterior arrasto, feito pelos camaradas que se colocam na praia. (Fig. 21)

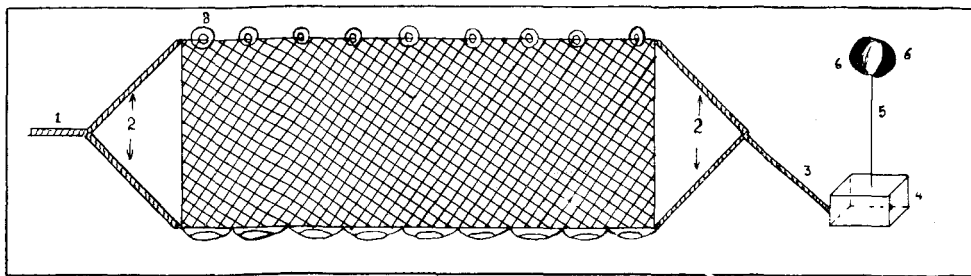
³⁶ Sobre o assunto sugerimos ao leitor a consulta do trabalho do C. AUGUSTO CAMINHA, *A Pesca na Freguesia da Lagoa* — publicada pela cadeira de Antropologia Cultural da Faculdade Catarinense de Filosofia — 1958.



REDE DE ARRASTO

Fig. 21 — 1 — Filame ou cabo; 2 — Aspias; 3 — Cabo; 4 — Chacho; (para ancoragem); 5 — Filame da bóia; 6 — Bóia.

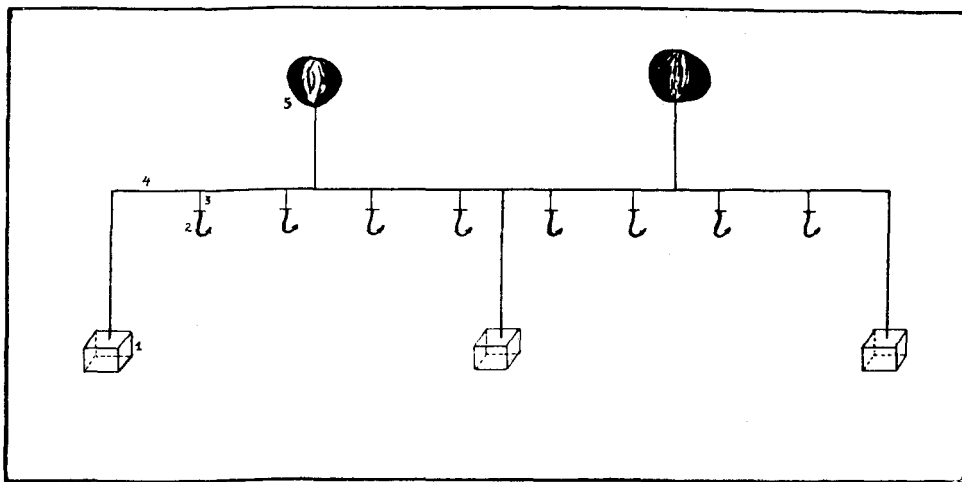
(Apud CAMINHA, op. cit. n.º 16)



REDE DE RODA (para enchova)

Fig. 22 — 1 — Cabos feitos de corda; — 2 — Espias; — 3 — Rêde laça; — 4 — Rêde miudeira (mais resistentes, para "escorar" o peixe); — 5 — Chumbeiro: sacos de areia; — 6 — Cortiças (elemento de sustentação); 7 — Bóia do Copo (no centro, para servir de referência à manutenção da simetria no puxamento); — 8 — Perfil: Elemento de união das peças da rêde

(Apud CAMINHA, op. cit. n.º 16)



ESPINHEL

Fig. 23 — 1 — Chacho (distanciados de 10 em 10 metros); — 2 — Anzóis; — 3 — Estrovo (fio que segura o anzol); — 4 — Armação; — 5 — Bóia com filame para manter os anzóis suspensos.

(Apud CAMINHA, op. cit. n.º 16)

Rêde de roda (enchova): Tomando-se a descrição feita por CARLOS AUGUSTO CAMINHA, temos: "A pesca da enchova é feita com rêde de roda para o mar grosso... A rêde é conduzida por uma canoa. Quando é notada a presença do peixe, os pescadores procuram se aproximar e a uma ordem do "patrão", o "chumbeiro" joga a "bóia" que vem a ser o cacho e amarrado a êsse o filame com a bóia. Após, os pescadores envolvem o cardume, mantendo uma extremidade ancorada e a outra segura por um tripulante"³⁷. No esquema supra, esboçamos a rêde de roda, segundo apanhado feito pelo autor citado: (Fig. 22)

Espinhel: Condiciona o processo de pesca mais constante em quase todos os núcleos. Exige pouco trabalho do pescador, pequeno ônus e torna-se muito eficiente por permitir a pesca de várias espécies de grande porte. Seu uso atinge limites mais afastados da costa. Até onde emergem ilhas do relêvo cristalino, o espinhel é facilmente utilizado.

Cação, garoupa, enchova, miraguaia, etc..., constituem as principais prêsas dos espinhéis. Seu uso é permanente, e logo sugere ser indispensável para, pelo menos, possibilitar alimento cotidiano às populações dos núcleos pesqueiros. Como isca é preferentemente empregado o camarão. No litoral catarinense observam-se vários tipos de espinhel, o "flutuante", o de "dois seios", o de "fundo", etc. (Figs. 23, 24 e 25)

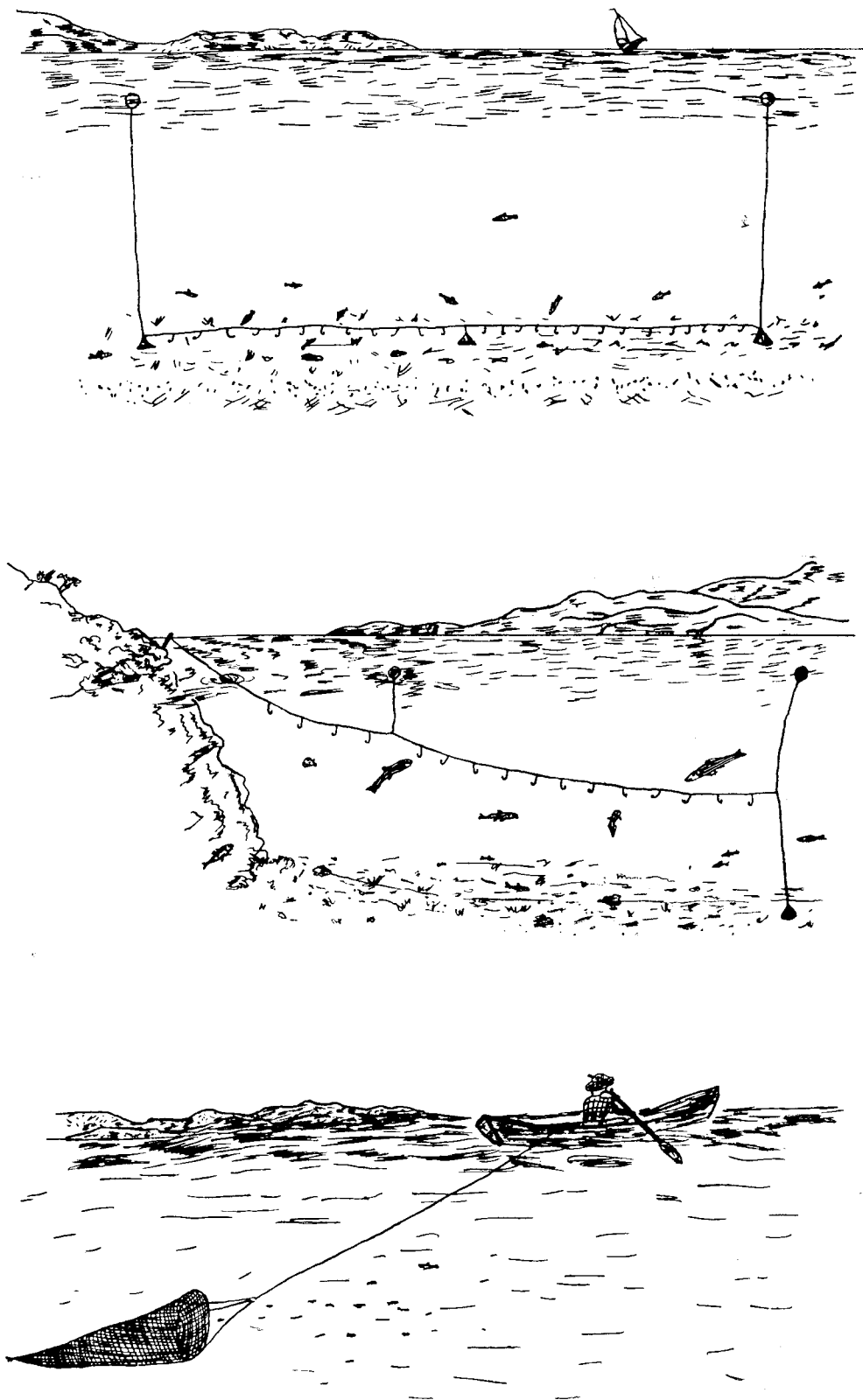
Utensílios para a pesca do camarão: A tarrafa, o puçá (buça, jereré ou coca) e uma rêde especial são empregadas na pesca do camarão. (Fig. 26)

Por se prestar mais facilmente à industrialização e pela relativa abundância com que aparece em certos trechos do litoral catarinense, a pesca do camarão é a mais importante depois da pesca da tainha. A pesca indiscriminada do camarão durante o ano todo é prejudicial ao desenvolvimento da espécie, embora concorra para a permanente safra dêsse produto. O efeito dessa dizimação desenfreada não se fêz sentir com nitidez devido à possibilidade de exploração do potencial existente, reconhecidamente grande. Tem ocorrido, em alguns núcleos, como em Barra do Sul, na época da grande pesca, excesso de camarão pescado, estragando-se exorbitantes quantidades em vista da precária organização das salgas e indústrias de enlatamento.

As zonas mais importantes de pesca coincidem, com exceção da zona dos Ganchos, com as de indústria de conservas: Imaruí, Laguna e São Francisco, e no centro, os núcleos formados pelos Três Ganchos, e mais a lagoa da Conceição na ilha de Santa Catarina.

No litoral sul, a tarrafa é mais utilizada, e também o "jereré". Na lagoa da Conceição os utensílios supra são os mais usados, enquanto nos Ganchos e na zona de São Francisco do Sul o processo mais adotado é denominado "prancha", com emprêgo de um tipo especial de rêde afunilada.

³⁷ CARLOS AUGUSTO CAMINHA — Op. cit.



Figs. 24, 25 e 26

V — ZONAS E NÚCLEOS DE PESCA — AS INDÚSTRIAS DERIVADAS

1) O LITORAL SUL — 2) O LITORAL CENTRAL — 3) O LITORAL NORTE

1) *Litoral Sul: Zona de Laguna—Imaruí*

Segundo a divisão do estado em zonas fisiográficas, o litoral catarinense compreende as seguintes zonas: São Francisco do Sul, bacia do Itajaí, Florianópolis e Laguna.

Esta última apresenta cerca de vinte municípios na atualidade, devido ao desmembramento que sofreram municípios maiores. Em 1950, os municípios abrangidos pela zona fisiográfica de Laguna eram apenas nove, a saber: Araranguá, Criciúma, Imaruí, Jaguaruna, Laguna, Tubarão, Turvo e Uruçanga.

Os municípios atuais da zona de Laguna que apresentam núcleos pesqueiros são: Henrique Laje, Imaruí, Laguna, Jaguaruna, Criciúma, Araranguá, Sombrio, São João do Sul. Entretanto, merecem realce, pela importância da atividade, apenas os municípios de Imaruí, Laguna e Araranguá. Os demais são inexpressivos, e a rigor poderíamos apenas destacar Imaruí (o de maior contingente humano dedicado à pesca) e Laguna (que apresenta indústrias de conserva de pescado de relativa importância). Em face disso preferimos usar a denominação de zona de Laguna—Imaruí, restringindo nossas preocupações à atividade pesqueira.

As características gerais dessa zona indicam, primeiramente, a projeção da pesca, conserva e enlatamento de camarão. Os núcleos pesqueiros não se encontram bem demarcados. Dispersam-se longitudinalmente em torno da baía. Os pescadores são quase todos agricultores, não se encontrando na dependência exclusiva da pesca, como se observa em relação a outros pescadores da zona de Florianópolis. O tipo de pesca dominante permite maior individualização da atividade e, assim sendo, não observamos as marcantes “companhias” que caracterizam melhor a zona de Florianópolis. Os pescadores de Laguna—Imaruí são grandes fornecedores de pescado às indústrias e salgas existentes nas duas localidades.

Nas demais áreas da zona em consideração, as atividades da pesca apresentam mínimo relêvo. Os núcleos são pequenos, muito isolados, o comércio de pescado mesmo com centros próximos é quase inexistente. Registra-se a indústria de baleia, em Henrique Laje.

*As indústrias e salgas e outras notas*³⁸.

1) *Laguna*: a) *Firma Luís Remor*: Opera como exportadora de camarão. Serve-lhe somente a zona de Laguna. A exportação anual máxima não ultrapassa 10 mil quilos. O camarão é trazido pelos pescadores, já preparado (limpo e descascado) ou com casca, pronto para

³⁸ Todas as informações com dados quantitativos referem-se ao ano de 1959.

ser revendido para centros como o Rio de Janeiro, para onde é transportado por rodovia ou por via marítima.

No Rio de Janeiro, parentes do proprietário recebem o camarão que é depois encaminhado a revendedores. O mercado carioca absorve cerca de 80 por cento da mercadoria. Os restantes 20 por cento são destinados a São Paulo e Rio Grande do Sul. É interessante observar que a firma dá preferência ao transporte rodoviário, embora o marítimo cobre fretes inferiores. Cada quilo de camarão corresponde a 8 cruzeiros de frete rodoviário mas, em compensação a rapidez do transporte e o menor prejuízo das quebras afastam a concorrência do transporte marítimo. A firma somente se dedica ao camarão. Encontra fácil mercado comprador, em contraste com o fornecimento, que se sujeita a faltas em determinadas épocas.

O período da safra é prolongado na zona de Laguna, em virtude da pesca de diversos tipos de camarão, e em diferentes estágios de desenvolvimento. O camarão é classificado em grande, miúdo e médio. Os dois primeiros correspondem ao montante médio de 80 por cento da mercadoria, comprada pela firma. O tipo grande é obtido entre novembro e janeiro, o médio até abril e o miúdo de abril em diante.

A firma não intervém no processo da pesca, limita-se apenas à compra do camarão. Não possui barcos, não a financia e transporta o produto através de empresas particulares — a Rodoviária Criciumense.

b) *Pedone: Indústria de Conserva*: Embora operando há 15 anos, salgando camarão, só recentemente o enlata. A empresa trabalha igualmente com palmito³⁹.

A indústria Pedone recebe o camarão fresco e semipreparado. O fornecimento é individual, isto é, diretamente do pescador. Ressente-se do problema da irregularidade do fornecimento da matéria-prima principal, sofrendo paralisação da atividade durante vários meses do ano. Isto a obriga a reduzir o efetivo trabalhador cujo número máximo é de 50 e, no período da entressafra (abril a novembro) decresce a 6. A interrupção da atividade e a pequena quantidade do produto fornecido dificultam planos de desenvolvimento da empresa. A demanda pelos mercados de grandes centros urbanos é assegurada, e ainda que não possua meios de transporte próprios, estes não constituem problemas. Admitem seus dirigentes que a melhoria técnica dos processos de pesca solucionaria o problema de aumento e diversificação da produção industrial. O equipamento atual da empresa já lhe permite enfrentar situações de maior procura. É a mais completa da zona, possuindo salgas, frigoríficos, tanques de lavagem, secção de enlatamento e encaixotamento.

c) *Firma João Cristiano*: Sua ação se limita à compra e revenda do camarão, após frigorificá-lo; São Paulo, Rio de Janeiro e Pôrto Ale-

³⁹ A coleta do palmito oferece aos habitantes rurais desta zona um recurso de produção. É realizada no inverno, não raro acompanhada de desmatamento. A palmeira fornecedora encontra-se principalmente nas encostas da região; menos densamente nas baixadas e nos banhados.

gre são os principais centros de consumo. Seus problemas não diferem dos que tolgem a expansão das anteriormente descritas. A irregularidade do fornecimento e a pequena quantidade constituem os principais. A firma é pequena, mantendo apenas 6 operários que se reduzem a dois

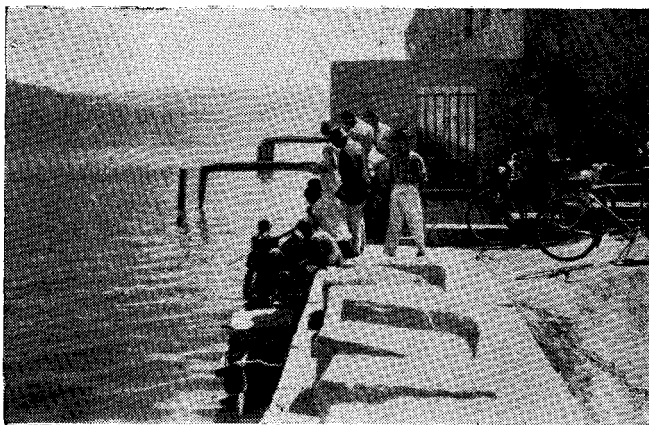


Fig. 27 — Laguna: Apanhado o peixe, o pescador procura compradores locais. A transação é, nesse caso, direta. A pequena quantidade não atrai a presença de intermediários.

operando com camarão salgado, em embalagem de sacos plásticos e de caixas de madeira. O problema da fábrica cinge-se à falta de matéria-prima principal, a qual é obtida apenas dos pescadores do município de Imaruí. Estes se dedicam à lavoura, e muitos utilizam a pesca como atividade secundária.

Beneficiado o produto, os caminhões o transportam para Laguna, e daí, por via aérea, ruma para os destinos finais.

A fábrica é relativamente grande, mantendo uma dezena de operários fixos e cerca de 70 flutuantes, contingente formado pelas descascadeiras. O fornecimento é muito irregular e ocorrem quedas súbitas, mesmo nas épocas de grande pescaria; se as chuvas coincidem com ela, afugentam os camarões, que se abrigam no fundo da baía.

no período de entressafra. Não paralisa a atividade por se dedicar ao engarrafamento de vinho e aguardente. O processo de obtenção do camarão é similar ao das firmas citadas. (Figs. 27 e 28)

2) Imaruí: Ind. Bras. de Peixe S.A.: Anteriormente enlatava camarão e palmito. Agora se restringe ao último,



Fig. 28 — Aspecto do porto de Laguna que, em épocas coloniais e imperiais, teve grande significado. Não se constituindo mais como porto de escoamento regional, seu movimento decresceu, e o organismo urbano estagnou. Mantém a cidade, com relação à pesca, uma destacada posição no estado, porquanto a pesca em Laguna e também, em Imaruí, sobretudo do camarão, permite-lhe a instalação de fábricas de conserva cuja produção é remetida para centros afastados. Todavia, o transporte da produção é feito mais pela rodovia

A capacidade da fábrica, para armazenamento, é de 5 mil quilos. A energia elétrica, que é indispensável à existência de frigorífico, não constitui atualmente, problema, devido ao recebimento de força elétrica proveniente de Capivari, em Tubarão.

Além dessa fábrica de conserva, existe em Imaruí uma salga que opera com as mesmas características da firma Luís Remor, de Laguna.

3) *Imbituba: Indústria de Óleo de Baleia* ("Domingos A. Costa") : A área de Henrique Laje é pobre em atividade pesqueira. As costas muito abertas, de mar batido pelos ventos, dificultam a pesca de arrastão, e outros processos em áreas também mais afastadas dentro do mar. A enchova, o papa-terra e espécies menores fornecem algum recurso aos pescadores locais, cujo índice de pauperismo é alarmante. As embarcações utilizadas são frágeis, poucas são motorizadas, o que torna mais problemática a saída para a pesca, em praias tão castigadas por ventos fortes. Somente os ventos de sudeste, mais fracos, permitem fácil deslocamento das embarcações. A despeito, portanto, do crescimento do número de habitantes no centro de Henrique Laje (pelo ativamente do comércio marítimo do carvão, que por aí se escoou), a pesca não se desenvolveu paralelamente em virtude de condições impróprias do ambiente costeiro, e de outros fatores que sugerimos acima. Os pescadores, cujas habitações de madeira se alinham ao longo da larga praia local, dividem suas atividades marítimas com outras. As praias em muito se assemelham ao núcleo de Barra do Sul, pelo desordenado que as caracteriza. Casas apodrecidas, crianças raquíticas, barcos rudes, gansos e porcos se alimentando de tatuíras (pequenos moluscos) que se escondem nas areias umedecidas da praia, dão os traços mais comuns do desordenado paisagístico.

Em Henrique Laje encontra-se um pequeno estabelecimento, que se mantém fechado, grande parte do ano, e por vezes, por mais de um, destinado a extrair óleo de baleia.

A pequena instalação também se dedica à obtenção de óleo de fígado de cação. A firma possui apenas uma baleeira e sua concessão permite-lhe operar até o município de Itajaí. A média de baleias pescadas por ano é de 4 a 5, mas ocorrem temporadas em que nenhum indivíduo é pescado. Entre julho e novembro é que se efetua a pesca, buscando-se interceptar as baleias que se dirigem para o norte. Os tripulantes são em número de cinco, possuindo a baleeira um canhão de proa. Em 1957 conseguiram matar 12 baleias, e em 1958 apenas 2. Esta flutuação, se reflete inevitavelmente no número de operários da fábrica de óleo. A proporção de operários exigida é de 10 para cada baleia. Vê-se, pois, que a instabilidade da mão-de-obra que se observa com as indústrias de camarão, é aí encontrada. (Fig. 29)

4) *Outros núcleos habitacionais:* a) *Garopaba do Sul:* No restante da área inscrita na zona Laguna—Imaruí, pouco há de importante para registro sobre o fato — pesca. Aludiremos, entretanto, a alguns

aspectos do núcleo de Garopaba do Sul, que só por exagêro poderemos qualificar de pesqueiro.

Trata-se de uma área de *habitat* disperso, em que as residências se localizam linearmente, ao longo da rodovia que liga Laguna a Henrique Laje. A topografia é de baixada, de solos arenosos, onde campos de pastagens isolados coincidem com os trechos em que a água, difi-

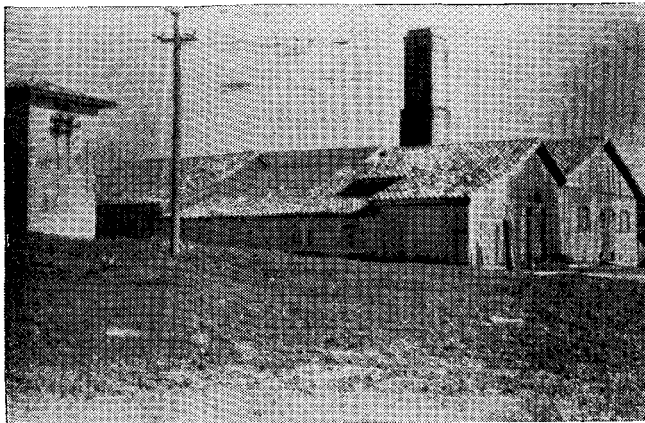


Fig. 29 — Vê-se a fábrica de óleo de baleia, em Imbituba, de reduzida e interrompida atividade devido à crescente diminuição desse cetáceo que toca o litoral da zona, seguindo fluxos de correntes frias. A concorrência imposta por modernos navios de pesca da baleia de várias nações, e o equipamento pobre dos pescadores locais, respondem pelo quase abandono dessa atividade.

cultada em seu escoamento é represada, em forma dos chamados “banhados”. O gado que se vê é rústico, nutrin-do-se de capim de fraco teor nutritivo. A lavoura dominante é a da mandioca, preferentemente nas pequenas lombadas que formam o provável nível de antigos feixes de restingas. As habitações de madeira, na grande maioria, apresentam

extrema pobreza interna. São destituídas de instalações sanitárias e de luz elétrica. Tornam-se mais aglomeradas quando se situam próximas a uma “venda”, onde também geralmente se situa a escola primária. A pouca produtividade dos solos se reflete na quase ausência de noção de propriedade foreira: “as terras são de quem quiser”, informou-nos um habitante local que se dedica à lavoura e à criação de subsistência e à pesca de pequena expressão comercial.

Igualmente como o principal núcleo, nas imediações do centro de Henrique Laje, a área costeira que compreende Garopaba do Sul, é fortemente assolada por ventos que ativam as ondas, impedindo que a penetração das embarcações ultrapasse 2 a 3 milhas, acentuando-se, pois, a característica “praiana” da atividade pesqueira. Como nota particular salienta-se a pesca segundo o processo denominado “picaré”, que exige cêrca de 12 até 20 homens.

Litoral Sul: ou Zona de Florianópolis: Abrangia 8 municípios em 1950. Com desmembramentos ocorridos posteriormente, ficou integrada por 10 unidades, a saber: Biguaçu, Camboriú, Florianópolis, Nova Trento, Palhoça, Pôrto Belo, Santo Amaro da Imperatriz, São João Batista, São José e Tijucas. Como possuidores de atividades pesqueiras no litoral apenas aparecem os seguintes: Biguaçu, Camboriú, Florianópolis, Palhoça, Pôrto Belo, São José e Tijucas. Devido à vinculação que o muni-

cípio de Camboriú apresenta com os centros urbanos da bacia do Itajaí, situá-lo-emos fora da zona de Florianópolis.

O litoral central, como já nos referimos, coincide em seu aspecto movimentado, sob o ponto de vista da morfologia, com o fato de ser mais ativo, com referência à pesca. Destacadamente, o município de Florianópolis se apresenta como o mais complexo. Sua apreciação será posterior ao breve exame de alguns núcleos de maior importância do restante da zona.

a) *Garopaba* (município de Palhoça): A área é caracterizada por uma baixada, intensamente utilizada para fins agrícolas, e interrompida pelas encostas cristalinas, parcialmente ocupadas pela lavoura. Milho, mandioca, feijão, freqüentemente intercalados constituem as principais culturas. Em alguns trechos alagados dão nota particular os arrozais. A criação de bovinos se observa nas pastagens da baixada, compondo o conjunto da atividade agrária, em pequeno número, porém. As habitações se localizam à margem da estrada que vai dar no núcleo pesqueiro junto ao mar. Esta área, que se afasta um pouco da praia, é habitada por agricultores e por outros que se dedicam parcialmente à pesca, enquanto os moradores do aglomerado são quase todos exclusivamente pescadores. (Fig. 30)

O povoado de Garopaba, mantém pequena atividade turística, cujas moradias imiscuem-se entre as dos moradores fixos: Além das casas comerciais,

uma escola pública e um posto do Departamento de Saúde, nota-se a presença de uma salga, relativamente bem equipada; em confronto com numerosas que investigamos. A salga é fato marcante do aglomerado, pois sua atividade influi na vida de grande parte dos moradores locais. O proprietário da salga, antigo pescador, financia a compra de equipamento de muitos pescadores que fornecem o pescado para o proprietário. O pescado fresco também é transportado por caminhão de propriedade da salga, para as cidades de Tubarão, Itajaí, Criciúma e Florianópolis. A tainha, o cação, a corvina, a enchova e a manjova são as espécies que mais avolumadamente constituem a produção da salga.

Os processos de pesca mais típicos são os de arrastão, aplicados à tainha. A enchova é pescada em mar grosso, com rede de emalhar,

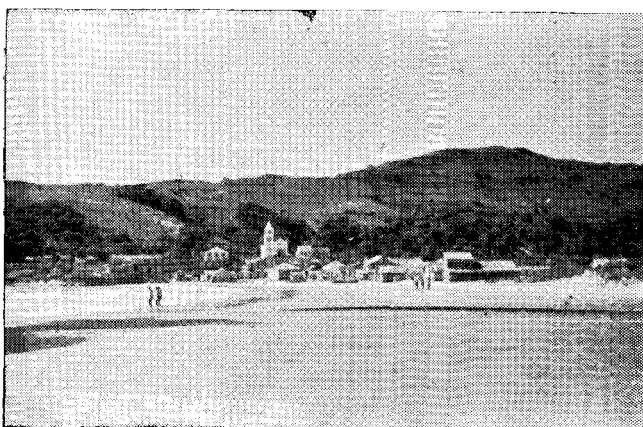


Fig. 30 — Núcleo pesqueiro de Garopaba, município de Palhoça. Nêle se desenvolve uma salga, propriedade de um pescador presente na localidade. No fundo, as encostas desmatadas revelam o aproveitamento da lenha pelo homem que se ativa igualmente na lavoura, principalmente na baixada arenosa.

utilizando-se lanchas baleeiras. A primeira é pescada nos meses de maio a julho e a segunda dos meses de outubro a dezembro.

Com respeito às possibilidades de expansão da produção da salga, segundo informações de seu proprietário (ERNESTO HAUEC), existem problemas numerosos. Falta-lhe crédito para ampliação e desenvolvimento técnico da salga e das formas de extração do pescado. A produção poderia ser rapidamente duplicada, sobretudo se pudesse atingir o mercado consumidor de São Paulo. O patrimônio da salga eleva-se a mais de 5 milhões, mas decorre tão-somente de constantes inversões do proprietário que, além disso, possui, dois engenhos de farinha de mandioca e um estabelecimento de beneficiar arroz.

b) *Pôrto Belo*: No pequeno município, recentemente criado, existe uma indústria de pescado que apresenta grandes possibilidades de expansão. Trata-se da firma japonesa "Chinen", com matriz em São Paulo, que anteriormente operava no município fluminense de Angra dos Reis.

A empresa industrializa vários tipos de pescado, sendo o mais importante a sardinha. Salga, defuma, prensa e enlata. Além da sardinha, merecem menção algumas espécies, como: sororoca, miraguaia, e, recentemente, experimentam enlatar a tainha. Numerosas espécies são consumidas localmente, não sendo aproveitadas pela indústria. Os fornecedores são da própria zona, incluindo os proprietários que possuem lanchas baleeiras e diversos padrões de rédes. A grande época da pesca da sardinha se estende de maio a outubro. Localizam o cardume, pelo fulgor prateado das águas; consideram a velocidade do vento e do barco, para então efetuarem o cêrco, lançando a rêde confeccionada com especial apuro técnico por um cidadão, também japonês, residente na ilha de Santa Catarina. Escolhem as noites escuras, pois a sardinha se afugenta até mesmo com a luz do luar, mergulhando, acreditam, para profundidades inacessíveis às rédes, e de difícil localização por não provocarem o denunciador reboliço e efeito de côr na superfície.

A indústria, a despeito de ser uma das mais higienizadas das que observamos, não é no momento, dotada de frigorífico. Esta ausência não tem sido problemática porque o pescado sêco, defumado e prensado é facilmente conservável e, além do mais, a demanda é muito grande. O peixe defumado e o salgado destinam-se à colônia japonesa radicada em São Paulo; aliás para a totalidade da produção, é o mercado mais importante, secundado por Curitiba e Blumenau.

Os problemas da empresa ligam-se mais ao custo elevado de matérias-primas, como a lata (de São Paulo) e sua litogravura, o sal, etc.

c) *Itapema*: Forma um pequeno aglomerado que circunda a enseada do mesmo nome e que inicia crescimento em função do turismo que aí já chega. Em trechos loteados, algumas residências de férias e hotéis contrastam com o rudimentarismo das habitações dos moradores fixos, em geral pescadores e agricultores. A atividade pesqueira é insig-

nificante. Cinco a sete lanchas e duas dezenas de canoas “borda-lisa”, constituem o montante das embarcações do núcleo. Duas pequenas salgas, de produção instável, oferecem traços particulares. Carecem de capitais para se ampliarem não absorvendo o pescado mais volumoso em determinadas épocas do ano. O centro urbano de Itajaí é o principal consumidor e com o qual o núcleo mantém comércio por meio de caminhões. Mas isto se verifica na época de grande pesca. A atividade é predominantemente de subsistência, e o fenômeno de mão-de-obra excedente é aí notado. (Fig. 31)

A pesca mais rendosa (inverno) é a da corvina, seguida da garoupa, da pescada. A tainha é pescada pelo processo usual do arrastão.



Fig. 31 — Aspecto da praia de Itapema, cuja beleza cênica favorece a tendência a transformar-se em centro balneário. A pesca é pouco ativa, e a agricultura constitui, entre a maioria dos indivíduos locais, o meio de vida mais seguro.

b) *Ganchos* :
Canto dos Ganchos
e Ganchos do Meio.
Os núcleos dos “Ganchos”, em número de

três (Canto dos Ganchos, Ganchos de Fora e Ganchos do Meio) formam típicos aglomerados de pescadores. Nêles se sente a preservação de padrões culturais de antigos açorianos numa intensidade sem paralelo. São núcleos pesqueiros por excelência. A atividade da lavoura tem aí papel inteiramente secundário. As 14 salgas, tôdas pequenas, distribuídas entre os três núcleos alardeiam ainda mais suas características pesqueiras. Nelas as crianças e mulheres trabalham, integrando-se, pois, todos os tipos de habitantes locais na atividade dominante.

A qualquer observador um pouco atento revelam-se flagrantemente alguns fatores responsáveis pelo aspecto tão eminentemente pesqueiro dos habitantes dos Ganchos. Os núcleos parecem injetados em vales estreitos, de encostas muito declivosas e repletas de blocos denunciadores dos efeitos da erosão elementar, sôbre solos fortemente decapitados pela erosão das águas correntes. As encostas tornam-se impraticáveis para uso agrícola, exceto nos trechos mais baixos, onde se erguem algumas touceiras de bananeiras e, aqui e acolá, em outros pequenos, de topografia suavizada, representada por patamares de extensão reduzida.

O acesso aos núcleos é extremamente difícil, se bem que modernamente estabeleceu-se ligação rodoviária até Tijuquinhas, localidade que dista meia dezena de quilômetros de Canto dos Ganchos. A rodovia que atinge Ganchos do Meio após passar pelo primeiro, só é transitável

em épocas de estiagem e mesmo assim por veículos especiais, como *jeeps*. A comunicação com o centro urbano de Florianópolis, ao mesmo tempo consumidor e redistribuidor de camarão às indústrias próximas, é ainda predominantemente por mar, deslocando-se os pescadores em canoas ou lanchas baleeiras.

Tais circunstâncias concorrem, ao lado dos recursos possibilitados pela pesca para a caracterização da exaltada feição pesqueira dos Ganchos, que se liga também à reconhecida coragem de seus pescadores — os que mais penetram no mar — dêle arrancando meios de sustento com a intrepidez natural de quem tem sua sobrevivência cingida praticamente a um tipo de recurso — a pesca.

A despeito da grande densidade da extração e do aproveitamento do pescado como produto comercial, as condições econômicas dos habitantes ainda são notadamente precárias. Verifica-se um número

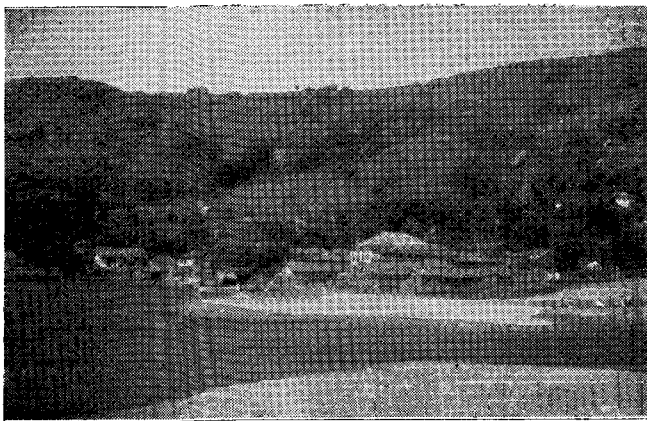


Fig. 32 — *Canto dos Ganchos — Município de Biguaçu. Esta localidade difere das demais (Ganchos do Meio e Ganchos de Fora) apenas pela menor quantidade de pescadores existentes. Quanto às condições de seus moradores, processos de pesca e aspectos da paisagem fisiográfica, as semelhanças são acentuadas.*

exorbitante de crianças revelando claramente doenças carenciais. (Fig. 32)

A população infanto-juvenil reflete, a rigor, as condições econômicas da comunidade. Ressente-se mais agudamente dos impactos das circunstâncias de vida em que se situa.

As salgas reclamam mão-de-obra numerosa e barata. Encontram no con-

tingente infanto-juvenil considerável força de trabalho. Por isso se explica o menosprezo que se vê em relação às atividades escolares. Embora nos três núcleos funcionam 5 escolas de nível primário, a frequência está muito aquém do número de crianças em idade escolar.

As salgas, contudo, são pequenas, totalizando as 14 existentes nos três núcleos, u'a média de 15 toneladas semanais de camarão, nas épocas de grande pesca.

Calcula-se que nos três "Ganchos", existam aproximadamente 200 embarcações atuantes, entre os tipos de canoas e baleeiras, quase tôdas com motores de 18 e 22 cavalos. Cêrca de 1 500 pescadores, entre todos os tipos funcionais, são estimados para as três localidades.

As pescarias principais, além da do camarão que acarreta menor ônus para a obtenção do equipamento, e a que permite estável aproveitamento do pescado comercializável, são as da corvina, do cação e

da mangona. A tainha também é importante. A rêde é empregada para a pesca desta última, do cação e da mangona, embora, para êstes, também se utilizem espinhéis.

A rêde utilizada na pesca do camarão é apropriada, com fundo para ensacar. A embarcação que se usa para tal fim é a lancha a motor, dela participando dois "camaradas". O equipamento completo atinge a cifra de 100 mil cruzeiros, se a construção das embarcações fôr proveniente do próprio local.

e) *Ilha de Santa Catarina*: Concentra grande população pesqueira, em núcleos dispersos e coincidentes com os trechos bem abrigados da costa. Identifica-se, de início, pelas características étnicas, pois os pescadores são, na grande maioria, descendentes de antigos colonos açorianos. Em seguida, todos os núcleos apresentam produção diversificada de pescado, notando-se maior enriquecimento dos processos de pesca. Ademais, todos os núcleos, em intensidade variável, dependem mais essencialmente do rendimento específico da pesca da tainha.

Entre os núcleos, são citados os seguintes: Pântano do Sul, Lagoa da Conceição, Praia dos Inglêses, Armação, Ponta das Canas e outros menores. Em rápidas anotações, veremos algumas características que poderão apresentar particularidades de cada núcleo.

1) *Pântano do Sul*: A localidade se estabelece numa baixada de forma elítica e no sopé das elevações que funcionam como pontos de apoio do processo de sedimentação.

Entre os trechos — Armação e Pântano do Sul, ligados por rodovia, que percorre a faixa arenosa e por vêzes a pequena altura da encosta, a ocupação do solo se evidencia bastante intensa. Esta área é habitada por rurícolas que se dedicam ao cultivo da mandioca, milho, café, feijão, e mantém reduzido número de cabeças de gado bovino para provimento de leite. Muitos dêsses rurícolas são também pescadores, diferindo daqueles que em geral possuem moradias que compõem o núcleo de Pântano do Sul e que se dedicam exclusivamente à pesca. Considerando-se, pois, apenas os moradores do núcleo, pode-se afirmar que a atividade econômica principal é a pesca, pois absorve maior número de indivíduos da localidade.

Pelo que nos informaram, alguns pescadores preferem, inclusive, permanecer sem atividades a ter que se empenhar em outra que não seja a pesca. Evidentemente, êsse menosprêzo por outra atividade encontra explicações diversas que não retratam apenas o simples gôsto pela pesca e a aversão pela agricultura, por exemplo.

A verdade é que os "camaradas" e "ajudantes", (não possuidores de equipamento pesqueiro), encontrariam grandes dificuldades para a conquista de ocupações remuneradas no meio rural e mesmo em centros urbanos próximos, como Florianópolis.

Isto não se deve sômente aos aspectos de saturação do mercado de trabalho em tais meios. Pode-se atribuir à precária capacidade de

trabalho, além do pescueiro, entre aquêles elementos, um fator negativo que os dificulta a obtenção de outras tarefas profissionais. Êsses pescadores constituem a mão-de-obra que comumente busca nas praias do Rio Grande do Sul atividades econômicas equacionadas com suas condições de executar tipo idêntico de trabalho.

Em Pântano do Sul, nos informaram que, épocas atrás, a pesca era muito mais abundante. Os "arrastos" de 40 mil a 60 mil quilos, em décadas anteriores eram comuns. Atualmente, um "lance" de tainha de 20 a 25 mil quilos é considerado como ótimo resultado. Em outros núcleos também tivemos informações similares. Embora não possamos contestar os relatos dos pescadores antigos, igualmente não os poderemos aceitar na medida em que procuram entendê-los, isto é: admitindo que, quando havia maior riqueza de pescado, o padrão de vida dos pescadores era mais elevado.

O fato de que o montante comercializável de pescado, em outras décadas, era menor que o atual, atenua em muito a possibilidade da existência de melhor padrão econômico de vida de pescadores daqueles tempos. A fartura do peixe, como a da tainha não era, pois, condição suficiente para resultar num nível de vida mais elevado do pescador, já que a rentabilidade decorrente do índice comercial não estava assegurada. Depoimentos esclarecedores de alguns estudiosos confirmam nossas suposições⁴⁰.

É verdade, todavia, que o aumento do número de habitantes no núcleo representa um fator desfavorável ao desenvolvimento do poder aquisitivo dos pescadores, devido ao implícito crescimento do número de auferidores dos recursos do mar. Daí, como consequência, encontrarmos em Pântano do Sul e em Armação (outro núcleo próximo, cujos moradores asseguram o mesmo que os do primeiro) muitos pescadores em situações de vida extremamente baixas e que se deslocam para o Rio Grande do Sul motivados pela procura de mão-de-obra pesqueira neste estado.

Apesar da grande importância da tainha, a pesca do cação, em vários núcleos, é de imenso significado. Tal acontece em Pântano do Sul e em Armação. Essa importância não se prende apenas à relativa quantidade existente do referido pescado, mas é devida à permanência da atividade, que assegura aos pescadores e habitantes locais, o alimento cotidiano. O cação se presta a fácil conservação ao sol, pelo salgamento, além de fornecer o óleo, extraído do fígado, atualmente em grande procura por parte de indústrias paulistas. Em 1960, o quilo de óleo atingia o preço de vinte e cinco cruzeiros.

⁴⁰ A respeito do problema, é de grande significado a obra de VIRGÍLIO VÁRZEA, *Santa Catarina — a Ilha*, publicação do governo do estado — 1900, que nos oferece com magnífica descrição de processos de pesca, de aproveitamento do pescado e dos aspectos culturais da paisagem humana das comunidades pesqueiras. "Na noite do grande pescado, processa-se o salgamento doméstico, para se evitar a deterioração da quantidade que servirá para o consumo local. A tainha se presta também à extração de azeite (pasta gelatinosa do ventre) usado na localidade para iluminação de lampiões"... Atualmente, só em casos esporádicos os pescadores salgam a tainha. O peixe, mal apanhado, é levado aos caminhões, quando em grande quantidade, ou então é vendido localmente, após a distribuição costumeira.

Em Armação, vê-se em estado de quase abandono um galpão destinado ao aproveitamento do óleo da baleia, que, como salientamos em capítulos atrás, constituiu notável recurso econômico. O apresamento de um indivíduo, nos dias atuais, é acontecimento que provoca alarme, tal a sua raridade.

Tanto numa localidade quanto na outra, ressalta-se a importância da introdução de um tipo especial de rede de cerco, de confecção iniciada por elementos japoneses que moram em Armação. Essa rede, além do rendimento que possibilita, tornou-se de grande valia para o fornecimento diário de peixe para consumo local. (Fig. 33)

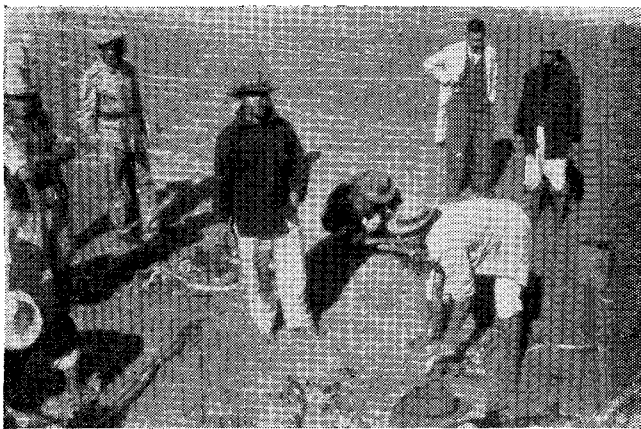


Fig. 33 — *Limpeza do Cação: Como ocorre em outros núcleos de pescadores, o cação é pescado com redes especiais e por espinhéis. A carne é facilmente conservada, salgada e exposta ao sol. Isto confere ao cação grande importância para a alimentação dos litorâneos, ainda mais porque é pesca verificada em todos os meses do ano. Na foto, pescadores de Pântano do Sul imediatamente após a chegada do pescado, se põem a limpar o produto.*

2) *Ribeirão da Ilha e Santo Estêvão*: Situadas na parte sudeste da ilha com suas habitações antigas, indicando a anterioridade da fixação de elementos açorianos, as duas localidades se com-

primem linearmente entre a encosta das elevações cristalinas e o mar. Ligadas por linhas de ônibus com o centro de Florianópolis, disso se beneficiam porque muitos de seus moradores constituem parte da diminuta população suburbana da capital do estado.

Ambas não apresentam atividade de pesca digna de nota, comparável aos núcleos de Pântano do Sul e Armação, mas têm importância sobre o fato em virtude da construção de embarcações, que ocorre sobretudo em Ribeirão da Ilha.

A técnica de construção (de canoas, de baleeiras, de batelões), embora de tradicional renome, ainda é muito incipiente, sob a forma artesanal. Não há empresas construtoras, e sim indivíduos que empregam dois ou três ajudantes, formando pequeno grupo de trabalho.

Em tôdas as zonas de pesca no estado se nos deparam embarcações construídas em Ribeirão da Ilha, embora em seus núcleos de pesca exista quase sempre um ou outro indivíduo que constrói embarcações. Algumas particularidades técnicas conhecidas pelos canoeiros de Ribeirão da Ilha e aplicadas na construção de baleeiras ainda respondem pela melhor qualificação e procura do produto.

3) *Lagoa da Conceição*: Expressiva por suas belezas naturais, fonte de atração para moradores de Florianópolis, e de certa tendência à valorização pelo turismo, a lagoa da Conceição é uma das mais características zonas pesqueiras.

Em tórno da mesma, na parte ocidental, a baixada arenosa é intensamente aproveitada para lavoura e pequena criação em propriedades de reduzido tamanho.

A presença de dunas do lado oriental, que por sinal lhe dá particular toque estético, evidencia o processo de colmatagem da lagoa, submetendo-a a regime de intermitência como se depreende dos freqüentes fechamentos do sangradouro. A lagoa recebe alguns riachos que contribuem também para o aumento do pacote de sedimentos depositados no fundo. Por enquanto não se registraram conseqüências marcantes quanto à condição de habitabilidade para espécies marinhas. Todavia, os pescadores são sempre unânimes na admissão de que o pescado na lagoa escasseia gradativamente.

Tendo-se em conta os processos de pesca utilizados em ambientes quase fechados, isto é, fracamente renováveis em água do mar, é lógico que o predadorismo contido naquelas praias pesqueiras incida em problemas que tendem a exaltar-se ainda mais. A generalizada prática do "arrastão" é variável em seu grau de destrutivismo segundo as características do ambiente onde ocorre. O "arrastão", necessariamente, toca o fundo do ambiente marinho, trazendo engastadas nas malhas da rêde quantidade de algas e outras plantas aquáticas que constituem alimento de peixes pequenos e também representam abrigo para a deposição de ovos. Assim sendo, o que se verifica no fundo da lagoa é um autêntico processo de decapitação do fundo orgânico vegetal.

Apesar da facilidade de proliferação de organismos vegetais em fundos rasos, muito expostos aos raios solares, sem os quais não seria possível a elaboração da fotossíntese indispensável ao desenvolvimento dos vegetais, os constantes "arrastos" não poderiam ter outro efeito senão o predatório, com o conseqüente afugentamento de espécies animais marinhas.

Considera-se também que a pesca na lagoa da Conceição vem sendo estimulada pelo crescimento do consumo em Florianópolis, em face do aumento da população, ainda que êste aumento esteja muito longe de se equiparar ao fenômeno do crescimento demográfico em outras capitais litorâneas brasileiras.

A pesca mais importante na lagoa é a da tainha; secundando-a vem a do camarão, do siri, etc. O pescado é logo vendido a intermediários locais, detentores de meios de transporte rodoviário, que o destinam a Florianópolis. As embarcações mais utilizadas são diversos tipos de canoas, e em menor escala as baleeiras com motores. No núcleo situado na barra da lagoa, os pescadores penetram no mar e o uso de baleeiras motorizadas se faz mais necessário. (Figs. 34 e 35)

4) *Inglêses* — *Ponta das Canas* — *Santinho*: As características desses núcleos são muito similares, quer pela organização da estrutura da atividade, quer pelas feições morfológicas do ambiente geográfico, quer pela predominância de processos de pesca e de tipos de pescado.

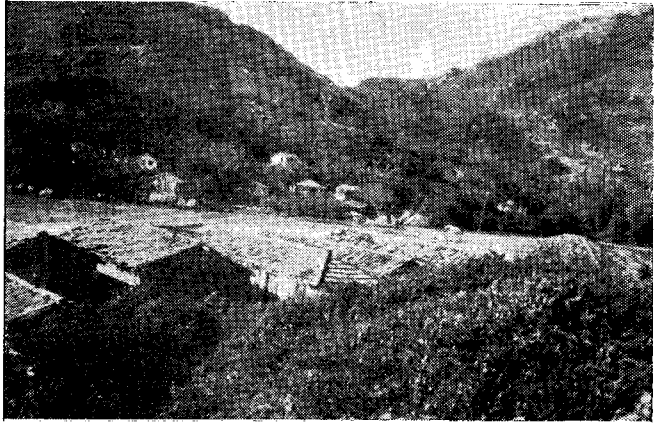


Fig. 34 — Em primeiro plano vê-se um tipo de formação arbustiva assentada sobre dunas fixas, em cujo sopé desfilam casas de pescadores locais. No lado oposto da entrada da lagoa da Conceição, vêem-se outras habitações na encosta de terrenos cristalinos. A estreita barra da lagoa, devido à sedimentação eólio-marinha, necessita, de vez em quando, de obras de dragagem.

Nesses três ambientes de pesca, as praias são extensas, possibilitando o processo de “arrastão”. A tainha e a enchova são aí abundantes, sendo pouco expressivo outro tipo de pescado. As embarcações empregadas mais comuns são canoas e baleeiras, não se notando grande número das que têm motores.

As dificuldades de acesso, devido à distância que os separa do centro próximo de maior consumo, criam alguns problemas de escoamento e do próprio abastecimento de vitualhas aos moradores, proble-



Fig. 35 — Jiraus de rês na barra da lagoa da Conceição — A rápida deterioração de rês em climas quente-úmidos e os estragos causados pelas espécies marinhas vorazes, constituem pesados encargos aos pescadores, que são forçados a renovação e consertos dos utensílios de pesca.

mas que se agravam mais, quando não se pode contar com o pescado para alimento. Igualmente, como se assinala para outros núcleos, os pescadores em sua maioria dedicam-se às costumeiras atividades agrícolas e muitos se deslocam para o Rio Grande do Sul na época da grande pesca da tainha e do camarão. (Figs. 36, 37, 38, 39 e 40)

f) *Barra e Praia de Camboriú*: Junto à foz do rio Camboriú e ao longo da praia do mesmo nome, encontraremos os focos principais da atividade pesqueira do município. A praia de Camboriú, entretanto, é mais conhecida pela importância turística, para ela afluindo consi-



Figs. 36, 37, 38, 39 e 40 — *Praia dos Inglêses* (Ilha de Santa Catarina) A seqüência de fotos revela o "arrasto" de um "magote" (pequeno cardume de tainha) que foi imediatamente vendido aos intermediários que, com seus veículos transportadores mantêm-se nas proximidades, à espera de um lanço. A venda do pescado é feita após a costumeira distribuição das cotas entre o proprietário da rede e das embarcações, entre os "camaradas" e os "ajudantes". A afluência dos moradores da redondeza é uma constante na pesca da tainha.

derável número de pessoas oriundas principalmente do centro urbano de Itajaí e Blumenau. Junto à foz é que, realmente, se acha um núcleo de pescadores que desenvolvem mais intensamente a atividade, além de se dedicarem a outros misteres (como os agrícolas).

Nesse núcleo, as embarcações são simples, constando de botes e canoas, muitas das quais motorizadas. Duas salgas pequenas também são encontradas, além do uso individual do salgamento de peixe, inclusive o da tainha que atualmente é raridade, devido ao imediato aproveitamento do produto ainda fresco. Como nota particular, salienta-se a pesca de ostras. Ademais, ainda se notam peixes menos rendosos como o "xarelete" (no verão), e principalmente a sororoca. A pesca da corvina e do camarão também tem importância econômica secundária. O processo adotado para a pesca do camarão é o mesmo comumente utilizado pelos pescadores do município da Penha (recentemente desmembrado do de Itajaí), de Araquari, e de São Francisco do Sul. Trata-se do processo denominado "plancha", que consiste no arrasto de uma rede especial, na pôpa de canoa ou baleeira.

Na praia, a pesca é menos expressiva, e, embora a tainha seja aí abundante está muito longe de se equiparar à quantidade pescada em núcleos outros do litoral central. As redes que se utilizam são pequenas, e as embarcações não passam de canoas, botes e bate-lões, inexistindo a baleeira que, sem dúvida, é indicativa de maior volume do potencial do pescado. O total de redes para tainha, entre os pescadores da praia é apenas de meia dúzia e duas redes de "cêrco" tipo japônês, pertencentes estas últimas a um só proprietário. Figs. 41 e 42)

g) *Município de Penha: As Indústrias de Conserva:*

1) *Cia. de Pesca Kauser:* É a principal na produção de conserva de camarão. A matéria-prima é proveniente de vários núcleos, desde Barra do Sul até Ganchos, sendo que o produto lhe chega salgado. Outra parcela provém do próprio município, recebendo-a com casca. A empresa financia aos pescadores locais a compra de equipamento (rede e embarcações).



Fig. 41 — Quando o pescado se torna superior à capacidade de consumo imediato, os pescadores procuram meios rudes de conservar o excedente. A foto registra uma fase da operação de secamento da tainha, após ter sido salgada. Em épocas passadas, a tainha, salgada e seca, era mais consumida. Atualmente só em casos esporádicos é que se verifica tal fato, devido ao aumento da procura do pescado fresco e, em certos casos, devido à pouca abundância da pesca. Ao lado, filhos de pescadores de Camboriú, que moram no tipo de casa de madeira que se vê em segundo plano, compõem os aspectos da foto.

A ampliação da empresa prossegue, já possuindo ela frigoríficos e congeladores, e iniciam experiências de conserva de peixes (tainha e sardinha). Os operários são mais numerosos que os de indústrias similares; mas sujeitam-se às mesmas condições do irregular ritmo da atividade da empresa que se reflete na instabilidade da mão-de-obra.

2) *Cia Hemmer*: Funciona há cinco anos, operando em conservas de peixe e camarão. Anteriormente se dedicava à conserva de legumes. Dos peixes, o que mais lhe é compensador é a sardinha, sendo os



Fig. 42 — Pescadores em Camboriú contemplam um "magote" de tainha. O pequeno número que contém, presentido pela acurada experiência dos pescadores, aconselha-os a não utilizarem rédes especiais que se sujeitam a estragos por vezes dispendiosos. A tarrafa nesse caso é mais empregada.

demais, como a tainha, acarretadores de ônus que pouco lucro possibilita à empresa. Os fornecedores das matérias-primas principais são quase todos locais, destacando-se entretanto os do núcleo de Barra do Sul e Araguari.

A empresa enfrenta seu problema principal que é a irregularidade do fornecimento do pesca-

do. Isto a impede de, com segurança, inverter capitais para ampliar as instalações. Por outro lado após as grandes pescarias nos meses de inverno, se vê forçada a dispensar a maioria dos operários. Dos quarenta obreiros, lhe são necessários apenas 6 no período da "entresafra".

Em atitude semelhante à Cia. Kauser, a Cia. Hemmer também auxilia os pescadores, financiando-lhes as despesas para compra do material de pesca.

Outro problema, que por sinal é comum às duas, reside na impossibilidade do aproveitamento de resíduos do camarão. As cabeças de camarão e também de peixes são queimadas, desperdiçando-se o recurso que disso resultaria para a fabricação de adubos. Os restos não podem ser jogados ao mar, o que redundaria em fornecimento de guloseimas aos animais marinhos, devido ao retôrno que sofrem pelo efeito das ondas que os atiram nas praias, em estado de plena putrefação. Quanto à energia elétrica, o problema é superado, a despeito do fornecimento incerto. A empresa recorre a dinamos, sendo a caldeira acionada por combustível líquido — óleo diesel.

h) *Itajuba* (Município de Araquari): Itajuba é um recanto de veraneio que atende em primeiro plano aos habitantes do centro urbano industrial de Joinville. Algumas famílias de pescadores se dispersam

nas áreas planas que dominam a topografia costeira, dedicando-se também às atividades agrícolas. A extração do pescado não é de grande significado, embora encontre na mais dinâmica cidade industrial do estado um considerável mercado a ser explorado mais acentuadamente.

A pesca principal ainda é a da tainha (no inverno) para a qual o processo de apanha é o mesmo — o de *arrastão*. Aqui as rêdes são menores, de 150 braças, e em número diminuto (quatro). As *companhias* se organizam à base de seus membros, incluindo o “vigia”. A pesca do camarão também é aí verificada, utilizando-se o utensílio denominado “puçá”. O produto é destinado às indústrias sediadas em Penha.

De importância alimentar ressalta-se também a pesca do caçãõ, obtido com rêde especial, e mais, entre outras, a da corvina.

i) *Barra do Sul* (Município de Araquari): É um dos mais interessantes agrupamentos de pescadores. As habitações se espalham sôbre áreas arenosas e baixas, em pronunciado desordenado na disposição espacial. Algumas são de madeira, em geral sem pintura, cobertas de palha, e outras cobertas de telhas. As cêrcas são raras, demarcando-se a propriedade por moirões indicativos. Vez por outra uma habitação é cercada por fileiras verticais de taquara.

A área circundante é muito complexa sob o ponto de vista da vegetação. Matas latifoliadas são entremeadas por espécies de tendências xerofílicas. Em trechos devastados, vêem-se campos com esporádicas cabeças de gado rústico e, aqui e acolá, uma “roça” em quase abandono; tal é a pobreza técnica que sugerem. Muitos pescadores das redondezas são os proprietários, empenhando-se secundariamente nessa lavoura promíscua.

Na localidade de Barra do Sul verifica-se grande agitação quando ocorre a época da pesca do camarão, a mais importante em todo o município de São Francisco do Sul. Como acontece nos núcleos dos Ganchos, quase tôda a população intervém na atividade, já que nas numerosas salgas (nove), há superamento do estoque de pescado durante os meses de inverno. O camarão é pescado durante o ano inteiro, praticamente, mas a grande época se situa entre os meses de março a julho. As salgas são pequenos estabelecimentos que empregam mulheres e crianças, cujo pagamento é feito à base da cascada. Nota-se competição entre as descascadeiras sendo que as mais rápidas gozam de elevado prestígio no “meio social”.

Quando a quantidade pescada é muito volumosa, parte dela é distribuída entre moradores locais que a descascam em suas próprias residências. As salgas mantêm descascadeiras flutuantes, em função das exigências do montante do pescado; mas há uma espécie de compromisso entre elas. Do mesmo modo, os pescadores fornecem o produto apenas a determinadas salgas, a preço fixo. No ano de 1960, no mês de julho, os salgadores pagavam ao pescador 6 cruzeiros o quilo do camarão; mas é forçado a comprar tôda a quantidade pescada. Essa

forma de compromisso concorre para o desperdício de grandes quantidades de camarão. Numa salga que investigamos, havia um abandono semanal, no mês de julho, de cerca de 800 quilos de camarão que seriam atirados ao mar, já deteriorados. O irrisório preço pago ao pescador pelo proprietário da salga, força-o a obter grande quantidade para ter lucros maiores. O resultado é a verificação desse fenômeno contrastante — a abundância associada à miséria.

Embora as salgas possam explorar a pesca sob a forma cooperativista, preferem se manter isoladas, o que deriva também da preservação do rudimentarismo técnico que apresentam. A possibilidade de adquirir

caminhão frigorífico, por exemplo, poderia solucionar o problema da superprodução. Por vezes, uma salga carece de produto enquanto outra o estraga.

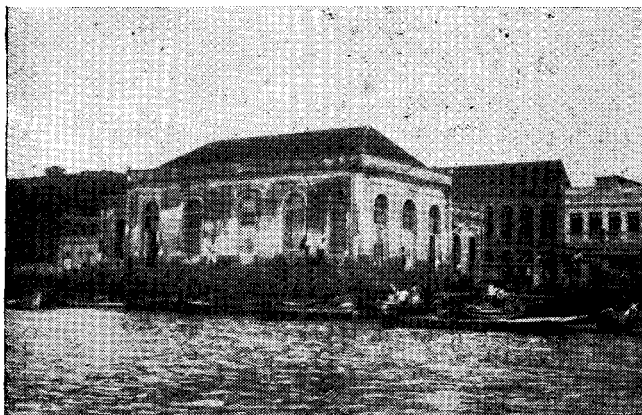


Fig. 43 — Aspecto de um trecho acostável da cidade portuária de São Francisco do Sul. Trata-se do local onde as embarcações de pescadores trazem o produto para o comércio local. São Francisco do Sul assemelha-se a Laguna, pela característica dos habitantes, pela função portuária, e em nosso caso pela marcante pesca do camarão que aí se verifica, possibilitando-lhe numerosas salgas e uma indústria de conserva.

Semelhante ao que narramos sobre as indústrias de conserva da Penha, em Barra do Sul não se verifica aproveitamento dos resíduos do pescado; uma firma de Curitiba tentou

aproveitá-los para a fabricação de adubos, mas desistiu em seguida, julgando a iniciativa antieconômica. (Fig. 43)

j) *Indústria Wildner* (Glória — município de São Francisco do Sul): Essa indústria de conserva de camarão e de palmito é filial da matriz instalada em Biguaçu. Localiza-se no povoado da Glória, no lado oposto da cidade de São Francisco (isto é, em pleno continente). Essa localização já constitui um sério problema, pois o escoamento da produção se faz buscando atingir o centro urbano; assim sendo é necessária a travessia do canal que, quando a maré baixa, tem impedida a acostagem de embarcações na praia de fundo lodoso, onde próximamente se instala a indústria. Além disso a irregularidade do fornecimento torna-se muito grave, dificultando as transações comerciais com centros consumidores. A energia elétrica também é deficiente; ainda em certas épocas há carência de mão-de-obra (descascadeiras), para atender às necessidades de se imprimir rapidez à operação. A fábrica somente trabalha com camarão fresco, com casca, não podendo contar com o camarão salgado que comumente fornecem as pequenas salgas; isto porque o tipo em salmoura (especialidade da fábrica)

requer o produto ainda com casca. A firma possui apenas 6 operários efetivos e no período da grande safra o movimento exige mais de 20 descascadeiras.

Prestando-nos um esclarecimento, seu proprietário assim nos falou: "A situação torna-se difícil por falta de produção continuada, de eletricidade e de transporte mais eficiente. A instalação atual da firma está orçada em 3 milhões, e se fôsse possível a instalaria no outro lado da baía, para o que teria de despende não menos que 5 milhões de cruzeiros, para a construção de patrimônio similar ao existente. Entretanto, a venda do camarão fresco, diretamente, é talvez mais lucrativa; dependeria, praticamente, do fornecimento, transporte e mercado comprador. A indústria depende disso tudo, e, está sujeita a leis, a fixação de preços, além de sermos forçados a comprar material necessário ao enlatamento e encaixotamento. Há grande número de compradores de camarão fresco que operam na baía, clandestinamente, isentos de fiscalização, e o levam para vários centros, principalmente para Joinville (por caminhão), donde segue, em geral, para o Rio de Janeiro. Por via marítima o escoamento é muito demorado e irregular, gerando sério problema para assegurarmos compradores, apesar do frete ser muito mais barato".

Quanto às relações que a firma mantém com os pescadores, estas se limitam aos acordos para a compra do produto. Não os financia, como acontece com outras firmas congêneres.

Referindo-se ao problema do escasseamento do pescado na zona de São Francisco, disse-nos o seguinte: "Há cinco anos, em março, comprávamos 800 quilos de camarão diariamente. Hoje, no mesmo mês compramos apenas 400. Os métodos de pesca são precários e além do mais são danosos. Em uma semana eliminam-se mais de 300 quilos de camarão em estágio inicial de desenvolvimento, que não nos é possível aproveitar. Daí, é natural que haja tendência à diminuição, caso providências não sejam tomadas".

Sobre o fornecimento de matérias-primas secundárias (lataria, óleo diesel, etc.) não existe grande dificuldade. Os obstáculos principais em nada diferem dos das demais indústrias que examinamos.

* * *

Após as anotações efetuadas nesse capítulo, resta-nos selecionar alguns aspectos que julgamos de maior importância para a compreensão do conjunto do fato. Assim, resumiremos:

As indústrias de conserva, em número relativamente elevado, apresentam produção incipiente, constituindo, a rigor, reflexo do rudimentarismo que se nota em relação aos processos de pesca e às condições econômicas de vida dos tipos humanos participantes. Encontram-se dispersas ao longo do litoral, estabelecendo concorrência entre si, e indecisão entre os fornecedores de pescado fresco.

Apesar da possibilidade que apresentam para se tornarem mais econômicas, com produção de maior vulto, encontram-se estranguladas por numerosos problemas. A irregular oferta da matéria-prima torna-se exaltada pela incapacidade das indústrias no tocante à conservação de excedentes, pois as instalações carecem de frigorífico que sejam eficientes. A técnica industrial, acentuatadamente precária, encontra problemas que mais agravam o rendimento econômico. Algumas sofrem da insuficiência de energia elétrica; outras são dificultadas pelo problema do transporte, tanto no que respeita ao contacto com pescadores quanto ao que se relaciona aos contactos com centros de consumo.

As indústrias, para os pescadores, constituem clientela não muito segura, devido à impossibilidade de, por vêzes, aproveitar o total volume pescado; mas garantem aos seus familiares modesto recurso econômico, devido ao emprêgo de numerosa mão-de-obra nas épocas de maior atividade. Quanto ao drama do capital, êste é denominador comum.

As relações entre extração de pescado e aproveitamento industrial caracterizam-se pela atitudes de emergência, permanecendo sem contrôle o fato da extração.

Embora a adoção de fórmulas cooperativistas indiquem melhor organização da produção, nota-se completo isolacionismo entre as indústrias.

Entretanto, os problemas mais graves acometem as populações pesqueiras, culturalmente atrasadas, sem meios educacionais para a percepção de soluções voltadas ao fomento cooperativista, e sem capitais para melhorarem seu equipamento.

O pescador, tomando-se rigorosa comparação, é o caboclo das praias, inscrito num sistema frágil de organização capitalista. A atividade pesqueira é, para êle, uma forma de economia que muito se assemelha à de subsistência do caboclo de zonas rurais divorciadas da dinâmica sociedade capitalista. Alguns dependem estreitamente do mercado industrial, e outros dependem do comércio difuso, local, ou de centros afastados que facilitam a intervenção de intermediários possuidores de meios de transporte rodoviário.

Em alguns núcleos, a pesca, ainda que sumamente necessária para o pescador, é apenas fonte de alimentação, não se obtendo da mesma qualquer poupança que seria derivada do intercâmbio comercial.

VI — A PRODUÇÃO PESQUEIRA

Os dados recolhidos pelas agências de estatística do IBGE, são provisórios, carecendo ainda de confirmação. O contacto direto com informantes nos permite reproduzi-los, pois não encontramos erros que pudessem alterar seu conteúdo essencial. É bem verdade que não nos preocupamos em fazer sondagens objetivando aclarar prováveis falhas dos informes estatísticos senão em alguns municípios cujos núcleos, todos, foram por nós vistoriados.

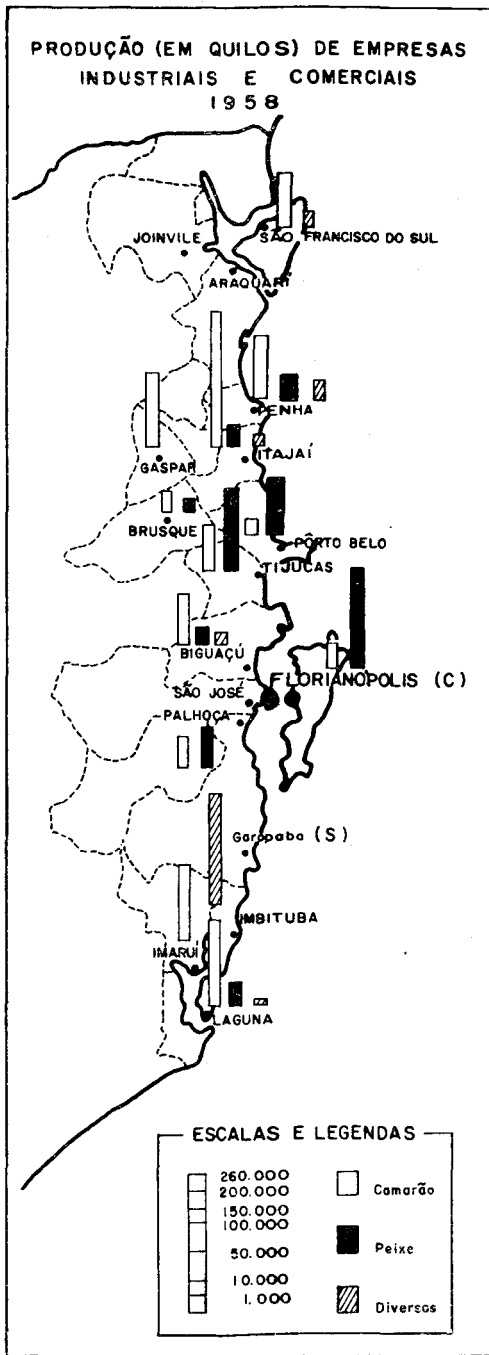


Fig. 44

Quanto aos dados que nos possibilitaram ilustrações gráficas, sobre produção pelas empresas de transformação e de comércio por município (Fig. 44), produção exportada (Fig. 45) e o quadro referente às matérias-primas recebidas pelos estabelecimentos industriais (n.º 6), nos foram enviados pela DIPOA, da Inspeção Regional de Curitiba, e são oficiais.

As ressalvas consideram os quadros de números: 3, 4 e 5.

A imprecisão dos dados deriva da dificuldade de se apurar o montante de pescado consumido no local correspondente àquele que é comprado nas praias ou que é consumido pelo próprio pescador. Por isso a produção bruta do pescado em Florianópolis nos parece irrisória. Isto se deve ao fato de que parcela considerável de pescado, mormente quando se refere à pesca da tainha, da enchova, do cação, da tainhota, etc., não entra nos cálculos estatísticos que se fundamentam na realidade revelada pelos inquéritos que focalizam as empresas revendedoras e também as industriais. Vê-se também que os municípios que apresentam maior volume total correspondem àqueles onde se verifica mais enfaticamente a pesca de camarão, cujo controle estatístico

torna-se fácil porquanto o produto, em sua dominante totalidade, se destina às indústrias em geral próximas aos locais de pesca.

A despeito das ressalvas, o quadro revela a importância da atividade nos municípios do estado, pois, o fato de que as indústrias e salgas absorvem produção bruta de vários núcleos de municípios diferentes não indica que o município onde se estabelece não apresente atividade

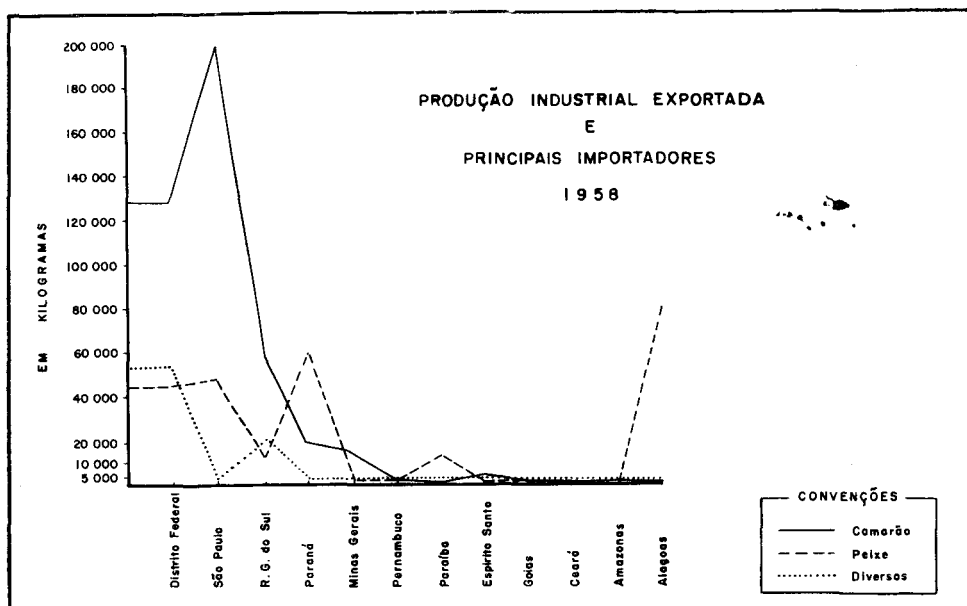


Fig. 45

pesqueira de extração. Em todos os casos examinados, as indústrias se localizam em centros que realmente são importantes na extração do pescado. Assim sendo, para alguns casos, como Florianópolis e Biguaçu, a produção nos parece pequena, não correspondendo à realidade, e Laguna, Imaruí e Penha aparecem mais destacadamente. Em parte isto se deve ao afluxo da produção bruta para êsses municípios e todavia não deixam de ser também grandes produtores de pescado bruto. Como são centros de industrialização do pescado, para êles afluem parcelas que deveriam ser computadas em outros municípios.

QUADRO N.º 3

Produção bruta do pescado por município

MUNICÍPIOS	1957 (Kg)	1958 (Kg)	1959 (Kg)
Araquari.....	755 000	725 000	780 000
Araranguá.....	134 559	144 700	112 500
Biguaçu.....	476 500	452 900	393 000
Camboriú.....	167 500	180 950	158 600
Florianópolis.....	1 223 400	1 185 900	1 354 500
Imaruí.....	1 682 250	1 914 240	2 283 200
Itajaí.....	1 991 000	2 142 600	244 500
Imbituba.....	—	—	356 800
Jaguaruna.....	64 700	44 000	46 000
Laguna.....	1 009 000	1 009 000	839 800
Palhoça.....	883 660	964 000	899 200
Pôrto Belo.....	154 500	224 300	217 000
Penha.....	—	—	2 238 000
São Francisco do Sul.....	—	321 000	323 000
São José.....	681 000	665 000	625 000
Sombrio.....	214 000	226 000	210 800
Tijucas.....	20 450	19 150	17 800
TOTAL.....	9 457 510	10 277 740	11 099 700

QUADRO N.º 4

Produção de camarão por município

MUNICÍPIO	1957 (Kg)	1958 (Kg)	1959 (Kg)
Araquari.....	105 000	103 000	170 000
Araranguá.....			
Biguaçu.....	345 000	280 000	275 000
Camboriú.....	30 000	36 500	44 000
Florianópolis.....	47 000	52 400	57 500
Imaruí.....	1 101 750	1 857 000	865 300
Itajaí.....	1 645 000	1 800 000	25 000
Imbituba.....			3 400
Jaguaruna.....			
Laguna.....	115 000	157 000	245 000
Palhoça.....	19 300	22 000	25 700
Pôrto Belo.....	34 500	41 000	47 000
Penha.....			2 100 000
São Francisco do Sul.....		56 000	95 000
São José.....	60 000	50 000	15 000
Sombrio.....			
Tijucas.....			
TOTAIS.....	3 502 550	4 454 900	3 998 500

QUADRO N.º 5

Produção de sardinha por município

MUNICÍPIO	1957 (Kg)	1958 (Kg)	1959 (Kg)
Itajaí.....	110 000	100 000	84 000
Camboriú.....	45 500	44 000	20 000
São José.....	500 000	500 000	500 000
Imaruí.....	1 950 (sav.)	1 650 (sav.)	1 900 (sav.)
Laguna.....	60 000		
Araranguá.....		6 000	5 000 (sav.)
Imbituba.....			50 000
Pôrto Belo.....			800 000
TOTAIS.....	717 450	651 650	1 460 000

QUADRO N.º 6

Matéria-prima recebida — 1958

ESTABELECIMENTO	PEIXE		Mexilhão	Lagostas	Ostras	Camarão	CAMARÃO SALGADO	
	Salgado	Fresco					Com casca	Sem casca
Raul M. Pereira.....	—	—	—	—	—	—	—	—
Pedone Com. Ind. Ltda.....	1 314	1 380	—	—	—	—	22 044	164 871
Indústria de Pesca Krause.....	—	1 400	—	—	—	334 544	—	19 581
Ernesto Nauck & Cia.....	—	—	—	—	—	—	—	—
Wildner Ind. Conserv. Ltda.....	—	—	—	—	—	—	—	—
V. de Santana.....	—	—	—	—	—	4 945	—	800
Cia. Hemmer Ind. Com.....	—	295	5 139	81	—	52 118	88 042	27 303
Indústria Brasileira de Peixe Ltda.....	—	—	—	—	—	10 677	—	—
Marcos Gorresen L. I. F. 2 091.....	—	—	16 020	—	—	31 557	—	3 041
Marcos Gorresen L.I.F. 2 062.....	—	—	—	—	—	193 433	—	—
Industrial Rosa Ltda.....	—	—	—	—	—	10 298	—	—
Duarte Carlin Ltda.....	—	—	—	—	—	—	1 935	13 702
João Cristiano.....	—	—	—	—	—	—	5 688	21 107
Luis Remer.....	—	—	—	—	—	—	7 630	815
Luis Wildner Filho.....	—	—	—	—	2 765	42 430	—	—
Chinen & Cia.....	—	—	—	—	—	—	—	—
Lauro Gabriel Sobrinho.....	—	9 450	—	—	—	—	5 390	—
Ind. Cat. Prod. Alimentícios.....	—	—	—	—	—	139 647	—	—
Domingos A. Costa.....	—	—	—	—	—	—	2 478	—
Marpesca Ltda.....	—	—	—	—	—	90 195	—	15 597
Gomes, Aragão & Cia. Ltda.....	—	—	—	—	—	—	—	—
Sucessores G. Kormann.....	—	410	—	—	—	1 014	434	110
Polli Medeiros & Cia.....	—	158 725	—	—	—	700	—	—
Indústria de Pesca Imaruã.....	—	—	—	—	—	337	—	—
TOTAL.....	1 314	171 660	21 159	81	2 765	922 572	128 251	271 727

Nos quadros n.º 4 e n.º 5 se poderão fazer restrições similares às efetuadas com relação ao quadro n.º 3. Chamamos a atenção para o quadro n.º 6, que focaliza a quantidade de tipo de matérias-primas recebidas pelos estabelecimentos que as industrializam ou simplesmente as revendem.

Nota-se que alguns estabelecimentos cessaram suas atividades, o que é sintoma da existência de problemas que não puderam superar. Como havíamos já feito subentender em capítulos atrás, a industrialização do pescado não constitui investimento seguro, devido à deficiente organização da produção da matéria-prima, cuja irregularidade e mesmo escassez, criam dificuldades várias para o desenvolvimento técnico-produtivo das indústrias. E, tudo isso ocorre enquanto as possibilidades condicionadas pelo potencial dos recursos do mar são, na opinião de alguns técnicos, perfeitamente favoráveis. (Fig. 44)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL EXPORTADA

O exame das figs. 44 e 45, nos permite evidenciar primeiramente a distribuição das indústrias e respectivo montante de produção de peixe, camarão e “diversos”. Esta divisão deve-se à dominante produção industrial de camarão, e do inexpressivo aproveitamento de espécies enquadradas como “peixe”, e daí resumimos todos os tipos de peixe industrializado numa só categoria. Entre os “diversos” se incluem demais moluscos e crustáceos, e também óleo de baleia.

Ainda com referência ao mapa que focaliza o montante da transformação do pescado em utilidades industriais e a quantidade de maté-

ria-prima, apenas congelada e revendida por algumas emprêsas possuidoras de frigoríficos, é preciso salientar que o símbolo "c", colocado entre parêntesis indica as emprêsas que se restringem ao segundo caso. A letra "s", também entre parêntesis indica que o estabelecimento apenas salga a matéria-prima recebida, e, os demais estabelecimentos aproveitam o pescado de vários modos, enlatando-o, com azeite e salmoura, salgando-o, congelando-o, prensando-o, cozendo-o, etc.

A fig. 45 revela a dependência de mercados consumidores constituídos por outras unidades da Federação. A quantidade exportada, em confrontos com a produção industrial total, ilustra mais claramente essa dependência. É exatamente no crescimento da demanda por outros estados que poderemos sentir um fator positivo para a expansão da pesca de modo geral.

CONSIDERAÇÕES GERAIS E CONCLUSÕES

TENDÊNCIA DA ECONOMIA PESQUEIRA

O estudo que empreendemos representa uma contribuição ao esclarecimento do complexo fato da pesca litorânea em Santa Catarina. As apreciações que fizemos foram limitadas pela preocupação de nos conduzirmos por critérios geográficos de análise. Cremos que, pelo menos, abrimos horizontes para indagações mais penetrantes sôbre tão importante atividade, dentre os setores da economia de extração animal do estado.

Concluindo a tarefa, resta-nos, fazer, além de conclusões sôbre os aspectos essenciais para a compreensão do fato, algumas ponderações sôbre as suas tendências.

Vejamos, pois, em primeiro lugar, breve resumo:

Em conjunto, as condições da morfologia litorânea, influentes na questão da habitabilidade de espécies marinhas de valor econômico (e nesta função salientam-se as numerosas enseadas de águas tranqüilas e os ambientes intralagunares) apresentam-se como favoráveis ao estabelecimento de núcleos de pescadores. A dispersão dêles ao longo do litoral retrata o fator apontado. É evidente que êsses fatores que se interagem, não são suficientes para condicionar a atividade. Temos que salientar também a influência das condições da dinâmica marinha, expressa pela existência de correntes frias que permitem o deslocamento de espécies, em abundância, e de valor econômico, para as águas costeiras mais quentes. Êsse fenômeno é sobretudo verificado nos meses de inverno que, a despeito das influências desfavoráveis dos fortes ventos do quadrante sul, que perturbam a continuidade da faina pesqueira, coincide com a época de maior intensidade da pesca.

Êstes ventos, e em plano secundário os do quadrante norte (meses de verão, principalmente), dificultam a atividade da pesca, mas seus efeitos tornam-se exaltados em vista das precárias embarcações utili-

zadas pelos pescadores. Além disso é possível encontrarmos relações entre êles e os fluxos de águas constantes, por êles influenciados e as migrações dos peixes, de modo que, se os cunharmos como fatores desfavoráveis estaremos precipitando-nos e possivelmente cometendo graves erros.

Outro fator favorável reside na extensão da plataforma continental das latitudes abrangidas pelos limites do estado de Santa Catarina. Ainda que o grau de piscosidade das áreas marinhas sôbre a plataforma continental seja uma incógnita, algumas sondagens preliminares tendem a assegurar grandes possibilidades para a exploração pesqueira. Na fig. 46, tirada do Relatório Ripley há indicações de algumas espécies de valor comercial que sugerem tentativas mais eficientes para se dinamizar a pesca ao largo.

Ademais, o cenário geográfico costeiro condiciona de modo indireto a atividade da pesca. As enseadas que quebram a forma enérgica da frente cristalina do relêvo atlântico favorecem a fixação de núcleos habitacionais; é verdade que muitos dêles são tipicamente de pescadores, onde as planícies quaternárias e encostas suavizadas possibilitam atividades agropecuárias que, em relação aos núcleos de expressão pesqueira, ora se tornam secundárias, ora chegam a preponderar sôbre a pesca, no que toca à capacidade de prover meios de sustentação e poupança.

Històricamente, a pesca no litoral catarinense remonta a épocas pré-cabralinas. Vestígios fartos são encontrados, como por exemplo, grande número de "sambaquis", principalmente no litoral de Laguna. No período colonial desenvolveu-se a pesca da baleia que mais tarde se interrompe sùbitamente. Ainda hoje se encontram algumas fábricas de óleo, mas a produção é insignificante, muito longe de se equiparar com o vulto da pesca da baleia no passado. De importância para a pesca de subsistência e comercial foi o advento de levas de colonos para diversos vales ilúviais da região litorânea, principalmente os imigrantes açorianos. Trouxeram conhecimentos da técnica de pesca que se desenvolveu paralelamente à utilização dos solos agrícolas das áreas onde se instalaram. As marcas da colonização açoriana são sentidas não só pelas heranças de cultura material, mas nos traços psicossomáticos de grande parte do efetivo humano de pescadores. A técnica empregada pelos açorianos, que assimilaram, em parte, a de indígenas litorâneos, é estruturalmente preservada. A mais notável alteração, a partir daí, pode ser assinalada pelo fenômeno da motorização das embarcações, o que permite não só maior rapidez na atividade da extração e mais fácil contacto entre os núcleos e com outros centros comerciais, como também facilita a ampliação das áreas de exploração.

Quanto ao aproveitamento do pescado, as formas são precárias. As salgas, mesmo as que arrecadam considerável parcela do pescado de vários núcleos, são equipadas, em geral, com mínimas condições higiênicas. As indústrias de conserva também carecem de padrões de

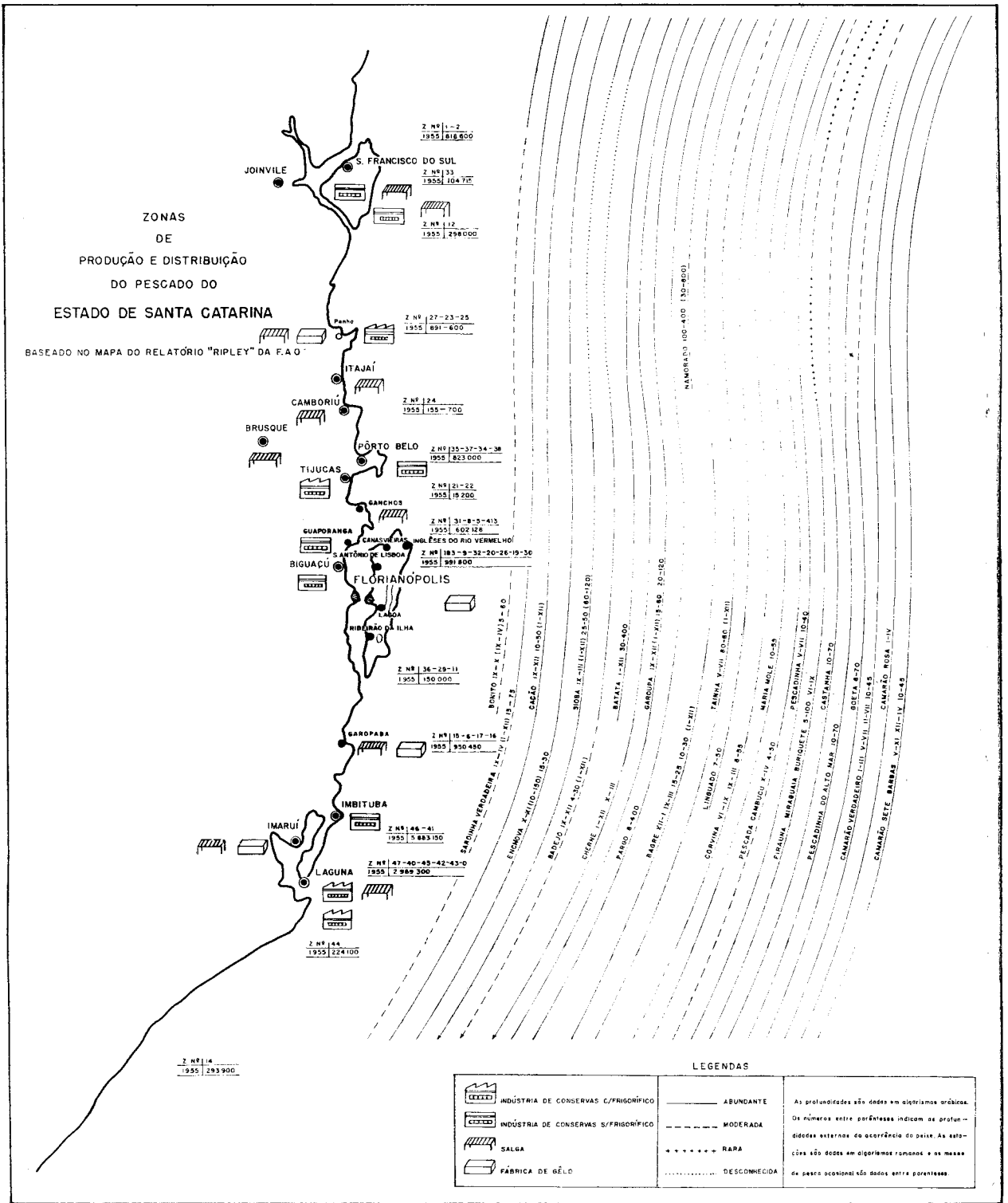


Fig. 46 — Mapa organizado por técnicos da FAO. Houve pequenas modificações, na parte que ilustra a distribuição e tipos de estabelecimentos que conservam ou industrializam o pescado. As observações que estão incluídas são suficientes para o esclarecer, de modo que legendas interpretativas se tornam desnecessárias. É preciso advertir que, primeiramente, os resultados obtidos são ainda provisórios, pois se devem a pesquisas preliminares. Em seguida, observa-se que as espécies marinhas são mencionadas numa categoria de "abundante", "pouco abundante", etc., e as flechas procuram indicar a direção de seus deslocamentos, bem como a profundidade. Devido à impossibilidade gráfica parece, de início, que as linhas que simbolizam espécies marinhas indicam o afastamento das mesmas em relação à linha da costa, o que não é verdadeiro. Embora a mensuração seja insuficiente para tecermos considerações com segurança, torna-se evidente o fato de que muitas espécies de valor econômico e de fácil industrialização, como os peixes, "abrótea" e "merluza", se constituem como fatores favoráveis ao incremento da pesca ao largo.

Cart. W. Mira

higiene e de técnica. Todas elas, como as salgas de camarão, apresentam produção irregular que se reflete imediatamente na flutuação da mão-de-obra utilizada. Encontram-se dispersas pelo litoral, junto a locais onde a pesca se realiza. Dependem estreitamente dessa vinculação com centros fornecedores de matérias-primas, e isto nos leva à afirmação de que a precariedade dos meios de transporte e de conservação do pescado é problema bastante grave. As indústrias encontram-se, por outro lado, na dependência de mercados de consumo mais afastados. O crescimento da demanda por êstes se traduz por um incentivo à industrialização.

As emprêsas industriais são, além disso, carentes de capitais. Não há grupos econômicos fortes ou indivíduos detentores de capitais elevados que presidem a atividade pesqueira. Os intermediários, embora em grande número, que se encarregam da compra do pescado extraído pelos pescadores, para o revenderem, são formados por proprietários de equipamentos de pesca, na maioria dos casos. A tendência é francamente clara quanto ao aumento de intermediários na economia pesqueira que, mesmo lentamente, apresenta crescimento de produção.

Os pescadores identificam-se por diferentes tipos humanos segundo a função que ocupam na atividade. Compreendem desde o "proprietário de equipamento" até o simples "ajudante".

A obtenção de equipamento de pesca torna-se um óbice cada vez mais sério, devido ao custo elevado das rêdes e das embarcações, facilmente estragadas em ambientes quentes e úmidos. A posse ou não de equipamento pesqueiro distingue também os tipos humanos na estruturação da atividade econômica. A dificuldade de obtenção de equipamento acentua o problema de excedentes de mão-de-obra pesqueira, aumentando o número de indivíduos desempregados.

Êste fato e a produtividade baixa em relação ao conjunto da economia pesqueira, além de outros fatores, geram problemas para a sobrevivência econômica de muitos indivíduos que procuram trabalho nas praias rio-grandenses. O êxodo de pescadores catarinenses para o Rio Grande do Sul, segundo indicaram nossas indagações, vem apresentando maior intensidade nos anos recentes.

Em quase todos os núcleos de pesca a lavoura tem importância. Em alguns casos torna-se difícil o estabelecimento da fronteira dos gêneros de vida dominantes. Em todos, entretanto, nota-se uma constante: o rudimentarismo técnico empregado na lavoura e na pesca, e, em resultado disso, pronunciado pauperismo econômico de seus habitantes.

Quanto às espécies de valor econômico, nota-se grande variedade de peixes, crustáceos e moluscos. O peixe mais condicionador da técnica pesqueira é a tainha, cuja abundância nos meses de inverno é realmente impressionante. A enchova lhe segue quanto ao valor comercial e quantidade pescada. A espécie de maior aproveitamento industrial entretanto é o camarão. A mais fácil industrialização, a abundância com que é

encontrado em numerosos núcleos e o pequeno ônus que acarreta seu equipamento de pesca, respondem pela presença de várias indústrias de conserva localizadas próximas às fontes de extração. O cação também merece realce devido à característica de ser pesca permanente e também por se prestar a fácil conservação. As multiplicadas salgas exclusivamente para o cação, que se encontram em quase todos os núcleos atestam claramente sua importância para o fornecimento alimentar às populações pesqueiras, prestando-se também a pequeno comércio.

Quanto aos utensílios de pesca, observa-se também grande variedade de rêsdes, salientando-se os tipos destinados à pesca da tainha, da enchova, do cação e do camarão. O processo do "arrastão" é típico de zonas de praias, em costa aberta ou em fundos de enseadas. Nas zonas onde predomina a pesca do camarão adota-se o processo de "plancha" pela utilização de uma rêde afunilada, pequena, puxada por botes ou outras embarcações. O "espinhel" é outro utensílio de importância, por ser utilizado permanentemente, e em lugares mais afastados da costa, que apresentam ilhas ou pontões alongados do continente.

Um tipo especial de "rêde de cêrco" (introduzido por um cidadão japonês) vem tendo grande aceitação, pela sua eficiência na pesca de variadas espécies marinhas. As rêsdes apresentam diferenças numerosas, inclusive a que se refere ao padrão de malhas. Em núcleos onde o pescado é muito escasso, as rêsdes de malhas miúdas, embora proibidas pela legislação da Divisão de Caça e Pesca, são empregadas mais freqüentemente. A pressão dos problemas para a subsistência econômica dos pescadores e dificuldades de diversas ordens condicionam o aspecto bastante generalizado de predatismo da atividade da pesca.

TENDÊNCIAS DA ECONOMIA PESQUEIRA

A grande dificuldade que tivemos para chegarmos a uma visão de conjunto mais equilibrado em tôrno das relações que a pesca apresenta, refere-se à insuficiência de dados estatísticos mais exatos e mais completos. Sômente cálculos, partidos de suposições nos orientam, por exemplo, sôbre a realidade do montante da produção bruta do pescado. O volume que representa o pescado comercializável e o consumo local, são valores que não podem ser objetivamente apurados. Não se torna possível, pois, avaliarmos o seu real significado econômico para a compreensão das necessidades de elevado contingente que a ela está vinculado.

Por outro lado, a própria mensuração do número de pessoas exclusivamente dependentes da atividade pesqueira, seja de pescadores ou de operários de indústrias de pescado, esbarra no problema da flutuação dêsse montante. Saber, por exemplo, o rendimento médio dos proventos da pesca é um desafio cruel a qualquer economista que se proponha a tal fim. Em suma, é preciso mais uma vez ressaltar que, quando nos

utilizamos de dados mensurativos, arriscamo-nos a enganos decorrentes de forma descontrolada, porque caracteriza a atividade pesqueira em seus aspectos de produção bruta, industrial, índice de consumo local subsistente e de comercialização.

Entretanto, muitos aspectos são por demais evidentes, permitindo-nos afirmações com margem mínima de erros. Assim, a primeira conclusão a que chegamos refere-se à importância que os recursos pesqueiros representam para numeroso efetivo humano do estado. Técnicos do Ministério da Agricultura, da Divisão de Caça e Pesca calculam que cerca de 50 mil familiares deles dependem direta ou indiretamente, total ou parcialmente. E, a grande totalidade dessas pessoas se encontra em precárias situações de vida, pouco lhes sobrando para satisfação de necessidades primárias.

Outras realidades dizem respeito ao baixo índice de comercialização dos produtos de pesca e à preservação de técnicas e processos que sofreram poucas alterações em tôdas as fases da atividade. Quando muito, a economia pesqueira apresentou uma expansão horizontal, expressa pelo aumento de volume do pescado obtido, concomitantemente ao crescimento numérico dos auferidores diretos e indiretos. A pesca atém-se ainda ao litoral, a despeito do surgimento de indústrias de conserva que poderiam funcionar como estímulos mais fortes, capazes de impelir o desenvolvimento da pesca ao largo, já que a demanda de produtos industrializados se acentua em outras unidades da Federação.

O desenvolvimento, ou simplesmente, o início da pesca ao largo é bastante promissor, apesar do conhecimento pouco concreto da potencialidade da fauna marinha de valor econômico em áreas mais afastadas da costa, mas, dentro dos limites da plataforma continental.

A dinamização dessas potencialidades, sem dúvida, imprimirá alterações mais profundas em tôda a extensão do fato pesqueiro. É exatamente êsse o objetivo que sustenta a elaboração de um plano-pilôto, de iniciativa federal, que pretende funcionar mediante cooperação com o estado. É bem verdade que não passa de um planejamento, cuja fase de realização apenas se esboça. Parece-nos bastante coerente, pretendendo atacar problemas numerosos que se relacionam com o fato central da pesca como: o desenvolvimento da lavoura num sentido mais racional, o desenvolvimento das condições educacionais das populações pesqueiras, a criação de atividades complementares (avicultura e fruticultura) nas áreas próximas dos núcleos, a ampliação de indústrias para absorver mão-de-obra excedente e aumentar a produção, a instalação de estaleiros para confecção de embarcações de pesca, melhoramento dos processos de frigorificação e de transportes, etc. Enfim, o horizonte da pesca ao largo é compreendido como necessário para ser explorado, a fim de sanar problemas de desequilíbrio econômico que acometem os pescadores, visando a solidificar essa fonte de renda até então precariamente aproveitada.

O problema inicial reside na avaliação aproximada dos recursos da pesca ao largo. A apuração quantitativa e qualitativa desses recursos aconselhará ou não etapa de investimentos financeiros para compra de equipamentos modernizados de pesca e para as indústrias que se poderão alentar em face da favorabilidade dos recursos. Por ora, temos apenas vaga noção sobre as condições propícias do meio geográfico marinho e da respectiva dimensão da fauna de valor econômico.

Entretanto, dentro do terreno puramente hipotético poderemos admitir que o desenvolvimento da pesca ao largo teria repercussões sobre a pesca litorânea, principalmente se este desenvolvimento for acionado por forças produtoras com centro dinâmico dentro do próprio estado de Santa Catarina, desde que estejamos implicando montante considerável de pescado, como resultado do referido desenvolvimento. Pergunta-se então: Se a pesca ao largo se tornar uma realidade, quais serão as tendências da pesca litorânea e que feições novas caracterizarão os fatos ligados aos problemas sociais e econômicos dos pescadores e dependentes indiretos da atividade?

Considerando-se que o desenvolvimento da pesca ao largo poderá apresentar resultado econômico se, paralelamente, não se introduzirem modificações na técnica de extração e de aproveitamento industrial do pescado, deduziremos que o grau de obsolescência da técnica pesqueira litorânea e das indústrias atuais de transformação do pescado será exaltado. As diferenças dos padrões tecnológicos, em favor da pesca ao largo, tenderão a apresentar maior rendimento na atividade do que o verificado com relação à pesca litorânea.

Quanto às indústrias atuais, estas se equacionam, de certo modo, com a diminuta produção de matéria-prima, embora todas já pudessem gozar de maior eficiência, não fosse o obstáculo contido na irregularidade do fornecimento do produto não elaborado. Sem dúvida, estas poderão se beneficiar se se verificar, para elas, fornecimento quantitativo e mais estável de pescado. Poderão ampliar suas instalações e aumentar o número de operários fixos. Entretanto, terão que efetuar investimento e assegurar mercados consumidores. O segundo problema não parece ser tão difícil porquanto todos os nossos informantes, proprietários de indústrias de pescado, nos afirmaram que poderiam vender muito maior quantidade de pescado se houvesse fornecimento mais volumoso de matéria-prima.

Quanto aos pescadores que labutam na lavoura e no litoral, em águas intralagunares ou próximas aos seus núcleos habitacionais, estes sofreriam impactos desfavoráveis; pois a maior abundância de pescado para centros urbanos de consumo, provindos da produção da pesca ao largo, limitaria o que para eles é de grande importância: o pequeno comércio. Como o número de pescadores, incluindo todos os tipos funcionais, já se apresenta demasiadamente grande em relação ao valor médio de poupanças, possibilitado pela economia pesqueira, deduzimos que a melhoria técnica da atividade, implicativa de investimentos de

capitais que em regra os pescadores não possuem, lhes seria desfavorável, pelo menos de início. Assim sendo, a solução de problemas para o desenvolvimento da produção pesqueira, bruta e industrializada, não deixaria de acarretar conseqüências prejudiciais em outros aspectos da conjuntura sócio-econômica da atividade.

Entretanto, a liberação de mão-de-obra pesqueira poderia ser atenuada pela diversificação de atividades econômicas nas áreas litorâneas próximas aos núcleos de pescadores. O plano-pilôto prevê estas dificuldades com acêrto. É, pois, de suma valia que seja executado, obedecendo-se aos esquemas assinalados que focalizam o aproveitamento produtivo de mão-de-obra excedente entre os participantes da pesca litorânea.

As perspectivas, admitindo-se a realidade do desenvolvimento da pesca ao largo, em conjunto, poderão resultar num crescimento de fluxo de rendas de uma atividade econômica tão pouco explorada, com métodos modernos, em todo o litoral brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando Flávio Marques de. — “Contribuição à Geomorfologia da Região Oriental de Santa Catarina”, in *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 10 — 1952.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti e Nilo: “A Pesca no Litoral Fluminense” in *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII n.º 1 — CNG.
- CAMINHA, Carlos Augusto: *A Pesca na Freguesia da Lagoa* — Publicação da Cadeira de Antropologia Cultural da FCF, — Florianópolis, 1958.
- CABRAL, Osvaldo R.: *Os Açorianos* — Florianópolis, 1951.
- CABRAL, Osvaldo R.: *Santa Catarina* — São Paulo, 1937.
- ESTRADA, Rodrigo Duque: “A Pesca” in *Revista Brasiliense*, n.º 19 São Paulo.
- GUERRA, Antônio Teixeira: “Contribuição ao Estudo da Geomorfologia e do Quaternário do Litoral de Laguna” — in *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII, n.º 4 — 1950.
- CARVALHO, Conceição Vicente de: “O Pescador no Litoral do Estado de São Paulo” — *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. III
- GONÇALVES, Alberto: “As Zonas de Pesca no Estado da Bahia” — *Boletim Geográfico*, n.º 27, ano III. Publicação do CNG.
- KELLER, Elza Coelho de Sousa: “Pescadores do Litoral Sul” — in *Revista Brasileira de Geografia*, ano VII, n.º 4 — 1945.
- PAUWELS, Geraldo (P.): “Morfogênese do Litoral Catarinense” — in *Revista Brasileira de Geografia*, ano III, n.º 4. Publicação do CNG.
- PELUSO JR., Victor A.: *Paisagens Catarinenses: Lagoinha*. Publicação do DEGC, de Santa Catarina, ano 1, n.º 1. — 1947.
- PEDROSA, Carlos: “Pescador de Tarrafa” — in *Tipos e Aspectos do Brasil*. Publicação do CNG.
- SALES, Urbano da Gama: “Pescadores de Nossa Terra” — in *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, n.ºs 9 e 10. — 1951.
- SILVA, Demócrito da: “A Pesca no Brasil” — in *Boletim Geográfico*, n.º 20.
- SCHMIDT, Carlos Borges: “Alguns Aspectos da Pesca no Litoral Paulista” — in *Boletim Geográfico*, n.º 4, ano 1.

VÁRZEA, Virgílio: *Santa Catarina*. 1.^a parte — *A Ilha*. Publicação do governo do estado — 1900.

Atlas de Santa Catarina: Publicação do DEGC, série 2, n.º 2. *Anuário Estatístico do IBGE*, 1958.

Censo demográfico de Santa Catarina, 1950.

Relatório Ripley do Governo do Brasil — R. n.º 494, da FAO.

MIGUEL, Salim; *A Rêde* — (romance) — Editôra Sul — Florianópolis.

JONES, Clarence F., e DARKENWALD, Gordon Gerald: *Geografia Econômica*, Ed. Fondo de Cultura Económica — México — Buenos Aires.

LUTGENS, Rudolf: *Los Espacios Productivos de la Economía Mundial* — Ed. Omega, S/A. Barcelona.

TIMM, J. Ubirajara: *Plano-Pilôto do Estado de Santa Catarina* (COPEN) (Cópia-mimeografada — 1959 — Rio de Janeiro).

SUMMARY

This is indeed a contribution that throws light on the complex problem of fishing off the Santa Catarina seaboard, and the author studies the physical background of this industry, going into the coastal morphology and climatic aspects of the littoral; the human pattern of the fishing, together with the historical antecedents there of, coastal settlement and the attraction of immigrants from de Azores; the fishing population of the littoral from the point of view of distribution, activities, human types and social and economic conditions, skillfully analysing the "camarada" of wage-earner, the owner of boats and tackle, the middleman, the manufactures of special equipment, etc.

In the part dealing with the economic problem of tackle and equipment, particular attention is paid to the nature of the gear, to fishing zones, subsidiary industries and fish production, which is arranged in the form of schematic tables.

In the historical part, fishing along the Atlantic seaboard of what is now the southern state of Santa Catarina is taken back prior to the discovery of Brazil by Cabral in 1500 and its development from then on traced up to our days when it comes under the influence of modern technique, subservient in every way to the tendencies and requirements of progress and the commercial laws that regulate the relationship between the fisherman, the intermediary, the financial backer and the buyer.

Considerable informative value is to be attached to the specific bibliography that supports the author's observations and to the maps and photographs that illustrate the text.

RESUMÉ

Il s'agit d'une contribution à l'éclaircissement du problème complexe de la pêche sur le littoral de Santa-Catarina, dans laquelle l'auteur étudie les bases physiques de la pêche en considérant la morphologie côtière et les aspects climatiques du littoral; les bases humaines de la pêche, en citant les antécédents historiques de cette industrie, le peuplement de la côte et l'affluence d'immigrants venus des Açores; la population de pêcheurs sur le littoral du point de vue de sa distribution, de ses activités, des types humains et des conditions sociales et économiques, analysant nettement le "camarada" ou salarié, le propriétaire des bateaux et de l'équipement, l'intermédiaire, les fabricants d'appareillages spéciaux, etc.

Dans la partie traitant du problème économique de cet équipement, l'auteur s'occupe tout particulièrement de la nature de ces appareillages, des zones de pêche, des industries dérivées et de la production poissonnière, qu'il présente sous forme de tableaux synoptiques.

Dans la partie historique, la pêche le long de la côte atlantique de ce qui est maintenant l'État de Santa-Catarina au sud du Brésil est décrite à l'époque antérieure à la découverte du pays par Cabral en 1500 et son développement ultérieur tracé jusqu'à nos jours où elle est soumise à l'influence de la technique moderne, qui obéit sous tous les aspects aux tendances et aux exigences du progrès et des lois commerciales qui régissent les relations entre le pêcheur, l'intermédiaire, l'armateur et l'acheteur.

Une grande valeur d'informations s'attache à la bibliographie spécifique qui suit les dernières observations de l'auteur, ainsi qu'aux cartes e photographies qui illustrent le text.